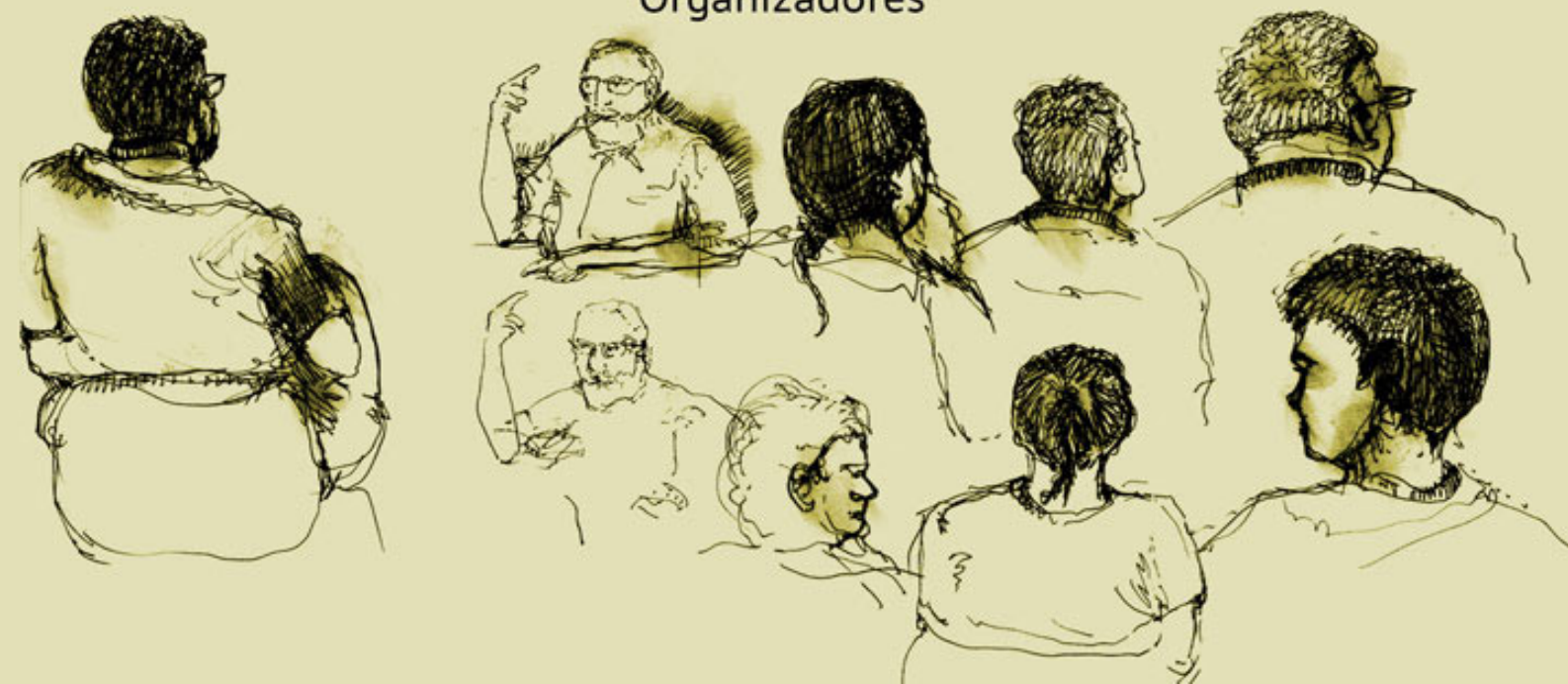




MEMORANDUM

Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG
1999-2017

ESTEVAM BARBOSA DE LAS CASAS
DAISY MOREIRA CUNHA
Organizadores





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORA Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO Benigna Maria de Oliveira

PRÓ-REITOR ADJUNTO DE GRADUAÇÃO Bruno Otávio Soares Teixeira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO Claudia Andrea Mayorga Borges

PRÓ-REITOR ADJUNTO DE EXTENSÃO Paulo Sergio Nascimento Lopes

(EDITORAufmg)

EDITORA UFMG

DIRETOR Flavio de Lemos Carsalade

VICE-DIRETORA Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)

Camila Figueiredo

Eduardo de Campos Valadares

Élder Antônio Sousa Paiva

Fausto Borém

Lira Córdova

Maria Cristina Soares de Gouvêa



CAED-UFMG

DIRETORA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Maria das Graças Moreira

COORDENADOR DE PESQUISAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Fernando Fidalgo

COORDENADOR DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB/UFMG

Eucidio Pimenta Arruda

COORDENADORA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Suzana dos Santos Gomes

COORDENADOR DE TECNOLOGIAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Carlos Basílio Pinheiro

COORDENADOR DE EXTENSÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFMG

Evandro José Lemos da Cunha



INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS TRANSDISCIPLINARES

DIRETOR Estevam Barbosa de Las Casas

COMITÊ DIRETOR

Daisy Moreira Cunha

Fernando Antonio Mencarelli

Márcio Flávio Dutra Moraes

Marisa Cotta Mancini

ESTEVAM BARBOSA DE LAS CASAS
DAISY MOREIRA CUNHA
ORGANIZADORES

MEMORANDUM
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS
TRANSDISCIPLINARES DA UFMG
1999-2017

Belo Horizonte
Editora UFMG
2018



© 2018, Os autores.

© 2018, Editora UFMG.

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

M533 Memorandum [recurso eletrônico] : Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG : 1999-2017 / Estevam Barbosa de Las Casas, Daisy Moreira Cunha, organizadores. -- Belo Horizonte : Editora UFMG, 2018.

1 recurso online: epub

ISBN: 978-85-423-0249-3

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares. 2. Transdisciplinariedade na educação. Interdisciplinaridade na educação. I. Las Casas, Estevam Barbosa. II. Cunha, Daisy Moreira.

CDD: 378.17

CDU: 378

ASSISTÊNCIA Eliane Sousa

EDITORIAL

DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva

COORDENAÇÃO DE Lira Córdova

TEXTOS

PRODUÇÃO DIGITAL Eduardo Ferreira

PRODUÇÃO Michel Gannam

EDITORIAL

PREPARAÇÃO DE Ana Clara Teixeira Ferreira

TEXTOS

REVISÃO Rita Viana Gonsalves, Daniela Menezes, Dara Domingues e Gabriel Prado

EDIÇÃO DIGITAL Thaís Duarte Silva

FORMATAÇÃO E Sérgio Luz

CAPA

ILUSTRAÇÃO DA Maria do Céu (UFMG)

CAPA

FOTOS Acervo IEAT/UFMG | Foca Lisboa/UFMG

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD 2 | Bloco 3 Campus Pampulha |
31270-901

Belo Horizonte-MG | Brasil

Tel. +55 31 3409-4650 | Fax +55 31 3409-4768

www.editoraufmg.com.br | editora@ufmg.br

Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG (CAED-UFMG)

Av. Antônio Carlos, 6.627 | Unidade Administrativa III

Térreo | Sala 115 | Campus Pampulha 31270-901

Belo Horizonte-MG | Brasil Telefax +55 31 3409-5526

ead@ufmg.br

SUMÁRIO

1. Prefácio
Francisco César de Sá Barreto
2. Apresentação
Os organizadores
3. IEAT: passado, presente e futuro
Paulo Sérgio Lacerda Beirão
4. O IEAT e nós: passado e futuro
Ivan Domingues
5. A cidade, a Universidade e o IEAT entre, antes e depois de 2005 a 2009
Carlos Antônio Leite Brandão
6. O IEAT: uma trajetória em constante transformação
Estevam Barbosa de Las Casas
7. Avaliação e perspectivas da transdisciplinaridade na UFMG através do olhar discente
Thiago Coacci Rangel Pereira
8. O IEAT: um instrumento de difusão do conhecimento na UFMG
Aretusa Duarte
9. ANEXO 1
10. ANEXO 2
11. ANEXO 3
12. ANEXO 4

13. Sobre os autores

14. Galeria de fotos

15. Galeria dos diretores do IEAT (1999-2014)

PREFÁCIO

Em 1970, Erich Jantsch publicou um artigo na *Policy Sciences* (n. 1, p. 403-428, 1970) intitulado “Inter- and Transdisciplinary University: A Systems Approach to Education and Innovation”. O título do artigo diz tudo! Ele propõe que a Universidade deva adotar uma nova proposta que pode ser reconhecida como uma forma de crescimento da sociedade para uma contínua autorrenovação. Eu não sei se a proposta de Jantsch prosperou, mas a questão da universidade transdisciplinar já estava colocada, provavelmente bem antes de 1970.

Ao analisar as consequências da questão da necessidade de criação do IEAT, Beirão argumenta em seu artigo aqui publicado:

(...) a UFMG, como a maioria das universidades brasileiras, carecia de um espaço que permitisse um tipo de pesquisa que ultrapassasse as barreiras disciplinares e departamentais, pesquisa focada em problemas mais do que em disciplinas. Dessa conclusão, elaborou-se melhor o que seria esse ideal de pesquisa, que passamos a denominar transdisciplinar. Registre-se que, à época, não havia clareza sobre o que seria multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

Ainda, no eixo rememorativo, é importante recuperar a avaliação do Ivan:

Começando pela história do IEAT, gostaria de salientar que quando o Instituto foi fundado, nós decidimos que o escopo e o campo de atuação do

IEAT seriam antes de tudo a pesquisa, a exemplo dos outros Institutos existentes em outras partes do mundo, a começar pelo de Princeton, o mais velho e o pai de todos.

Ao dizer isso, aproveito para esclarecer que estava claro para nós que a escolha da pesquisa não significava que deveríamos virar as costas para o ensino, graduação ou pós, com sua estrutura cartorial e rigidamente disciplinar, mas que a ênfase deveria ser a pesquisa e abrir-se para experiências-pilotos no ensino naquelas situações em que o ensino, a pesquisa, o transdisciplinar e o avançado pudessem ser conectados e coordenados, abrindo novos horizontes para os professores e os alunos da UFMG.

Portanto, no início, vinte anos atrás, o que tínhamos?

De acordo com seus fundadores, tínhamos a necessidade da transdisciplinaridade, mesmo não se sabendo o que era, com o foco na pesquisa, mas, e principalmente, tinha-se a perspectiva de se criarem novos saberes, novas atitudes, de quebrar a hegemonia da disciplinaridade.

Isso ocorreu? Ivan nos responde:

O resultado, depois de passado o período experimental de dois anos, é que o IEAT foi institucionalizado tendo como base as realizações, os *workshops*, os *brainstorms*, os seminários e os dois livros de fundação (*Conhecimento e transdisciplinaridade* e *Conhecimento e transdisciplinaridade II*), em que os problemas conceituais e metodológicos foram equacionados e encaminhados. Porém, a bem da verdade, sem que jamais fizéssemos o balanço da pertinência e da conveniência do trans ou então do interdisciplinar.

As palavras de Brandão (o nosso Cacá), trazem uma perspectiva complementar, afirmando:

Criado para abrigar pesquisas de caráter avançado e transdisciplinar, o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG ainda está sendo construído. E, devido à própria natureza daquilo que ele tem por objetivo estudar, essa construção estará sempre em curso.

O atual diretor, Las Casas, acompanha as análises de seus antecessores, ao afirmar que

O IEAT pretende ter um componente transgressor, reinventar-se ao longo do tempo, questionar estruturas e oferecer uma perspectiva unificadora para as diferentes áreas. Implodir o obsoleto, erguer pontes, construir caminhos, projetar novas estruturas, aglutinar pesquisadores, estes são os desafios para o IEAT (...).

O futuro! O que pensam nossos autores e o que penso eu?

De acordo com Ivan a estratégia é “não apostar todas as fichas no transdisciplinar; e considerar o ‘inter’ como amiga do ‘trans’ – esta pode ser uma boa política para o IEAT, ao criar um ambiente onde o transdisciplinar deverá ser semeado antes de ser colhido – senão, nada feito”. Na mesma linha, Brandão defende: “O segundo axioma, e talvez o mais importante, é a firmeza com que o IEAT sustenta a ideia de que o transdisciplinar não se opõe ao disciplinar. Ao contrário, alimenta-se dele. A clareza disso distingue o Instituto da UFMG.”

A principal proposta de Beirão se baseia na seguinte reflexão:

Como foi delegada às universidades a decisão de como e quanto expandir, estas se mostraram (com pouquíssimas e honrosas exceções) incapazes de inovar na sua organização acadêmica. Apenas reproduziram o já arcaico modelo de agregados de escolas profissionalizantes. Por que isso?

Ele conclui propondo:

Exatamente por ser uma estrutura potencialmente inovadora diante da natureza arcaica da universidade brasileira (com algumas raras exceções, é necessário novamente reconhecer) estabeleça uma linha de pesquisa sobre os rumos da universidade pública brasileira. Há necessidade desse estudo, baseado em pesquisa histórica tanto do Brasil quanto da experiência internacional, para fornecer subsídios para o enfrentamento dessa questão.

A atual diretoria propõe um novo projeto, em cooperação com o Centro de Comunicação da UFMG, que tem como objetivo instalar uma rede de monitores de televisão cobrindo unidades administrativas e acadêmicas, laboratórios, *campi*, residências, restaurantes e museus para divulgação dos projetos de pesquisa em andamento. Com esse sistema, será possível levar os projetos para além de seus ambientes naturais. Propõe também seguir privilegiando, “dentre os projetos avançados que buscam abrigo no Instituto, aqueles com um componente de integração entre áreas” e que sejam incentivadas ações visando à internacionalização do Instituto.

Thiago Coacci Rangel Pereira, a partir de sua experiência como estudante da UFMG e de sua “trajetória acadêmica que nunca soube respeitar bem as fronteiras disciplinares”, apresenta sua reflexão sobre a transdisciplinaridade e os desafios que antevê “para que as alunas e alunos se aproximem mais tanto do Instituto quanto de abordagens transdisciplinares”. Sua reflexão e sugestões deverão ser úteis para o futuro do IEAT.

Concluindo os depoimentos, Aretusa Kelly Alves Duarte apresenta uma excelente descrição da história do Instituto, dando destaque à sua importância como instrumento de indução da pesquisa na UFMG.

Como eu avalio o IEAT? Sem dúvida, pode-se considerar que foi uma criação da maior importância para a UFMG e, talvez, para o país. Seus criadores e seus futuros diretores são acadêmicos de alto nível, de padrões internacionais, que contribuíram diretamente para os sucessos alcançados pelo IEAT. Suas publicações relacionadas com o tema da transdisciplinaridade atestam essa afirmação. As propostas apresentadas para as atividades futuras do Instituto são pertinentes. De fato, dar tempo ao tempo é uma proposta razoável, mas as atividades do IEAT precisam transbordar para a graduação. Levar a transdisciplinaridade ou, pelo menos, sua parceira, a interdisciplinaridade, à graduação é tarefa imediata e não deve ser colocada de lado, aguardando um melhor momento. Agir nessa direção, agora, é uma meta que o IEAT e os órgãos colegiados da Universidade devem adotar. A reflexão sobre o ensino superior deve apresentar soluções aos problemas encontrados, e entre elas esperamos alcançar a implantação da universidade transdisciplinar.

Essa mesma posição é defendida por Brandão, ao afirmar ser “o IEAT um dos locais privilegiados para manter e desenvolver a ‘ideia de universidade’ no seio da UFMG. Criar uma ‘universidade dentro da universidade’ pode ser, afinal, uma tarefa transdisciplinar e avançada atualmente.”

Como destacado pelo diretor Las Casas, existe uma clara predominância em seus programas de temáticas centradas nas áreas de Humanidades e Artes. Acompanho essa preocupação e penso que o Instituto deveria expandir sua atuação às demais áreas e dessa forma se tornar mais relevante para a Universidade.

Em resumo, a meta principal do IEAT é propor os mecanismos e as ações que conduzam a Universidade na

direção da transdisciplinaridade, no ensino e na pesquisa. A transdisciplinaridade representa a interseção das atividades interdisciplinares desenvolvidas no ambiente acadêmico com a interdisciplinaridade desenvolvida e indicada pela sociedade.

Para concluir, peço ajuda ao Brandão (Cacá):

Ao examinar o passado, descortinamos o horizonte à nossa frente. E, reciprocamente, ao avançarmos em direção ao futuro, rumamos também em direção ao nosso passado e às nossas origens. Prospectar novos caminhos é tarefa do IEAT, como ao especular sobre a universidade do amanhã e sobre as profissões do futuro (...). Seu destino é inseparável da UFMG que é inseparável do quadro das universidades federais e públicas brasileiras.

O IEAT possui uma simetria esférica no espaço quadridimensional. É o que é, e esperamos que se mantenha nesse espaço, com essa simetria.

FRANCISCO CÉSAR DE SÁ BARRETO
PROFESSOR EMÉRITO E EX-REITOR (1998-2002) DA UFMG.

APRESENTAÇÃO

As finalidades que fundaram o IEAT são contemporâneas de uma universidade cuja maturidade se inscreve no seu tempo. Nessa história, passada e presente, ao fio da memória de quem esteve à frente da Instituição, revelam-se os caminhos sinuosos de uma vocação para além muros que marca a UFMG, mais que avançada, focada em problemas de grande relevância social e cuja solução não pode ser disciplinar.

Aberturas, portanto, nas frestas da memória de alguns que por lá estiveram no trabalho dos dias: do inter, do multi e do trans, do avançado/transdisciplinar, interinstitucional, com rigor e (in)pertinência na profundidade das disciplinas, transdisciplinar e transitório, metafórico...

O IEAT foi se fazendo assim. Lugar de tempos sabáticos nas fronteiras da Universidade, lá onde se inscrevem muitas demandas da cidade. Elencando problemas em “círculos avançados hermenêuticos” de inclusão, seguimos em percurso incubador. Espaço do desafio do transdisciplinar a escrever, a inventar, a construir lugares de autonomia, sem amarras. Do trabalho em comum permanece o desafio.

* * *

O título desta obra, *Memorandum*, pareceu-nos apropriado para denominar o conjunto destes textos reunidos neste

primeiro *e-book* do IEAT, por ser um documento de trabalho que registra memórias de alguns daqueles que estiveram conosco no dia a dia deste Instituto avançado. O conteúdo destas memórias varia entre memórias de serviço, intenções, projetos, indicações...

Um *memorandum* é memória de trabalho, pois trata-se de lastrear os caminhos institucionais de um serviço na UFMG, mas que não pode ser, definitivamente, sob pena de mutilação, separado do engajamento pessoal daqueles muitos que testemunharam e tomaram decisões ao longo destes anos de existência do Instituto. Um *memorandum* nos auxilia relembrando os marcos legais da criação desse Instituto, mas também as opções administrativas para sua sobrevivência, os caminhos tortuosos para a construção de uma viabilidade financeira, as opções de política acadêmica, as estratégias científicas, as definições estratégicas de curto, médio e longo prazo na construção da indissociabilidade entre a pesquisa avançada com o ensino e a extensão universitária. Um *memorandum* é memória escrita por alguém tendo em vista coordenar uma produção, justificar ou reestabelecer orientações de trabalho para o desenvolvimento de uma ação, é sempre intenção e projeto daquele que escreve, mas é, simultaneamente, projeto para aqueles que dele se apropriam e, nesse sentido, sua direção indicada permanece aberta como herança daqueles para os quais o documento fora escrito.

Este *Memorandum* conta e reconta a história de uma aposta, plena de riscos, de construção de um espaço sem constrangimento – o que não quer dizer que não tenha que prestar contas, sem amarras acadêmicas, mas interessado nos problemas complexos da contemporaneidade. Este *Memorandum* justamente dá transparência aos meandros de um investimento institucional de nossa universidade.

Estas memórias aqui resgatadas desvelam a dupla construção de um órgão simultaneamente vinculado à Reitoria, mas com vocação independente, diálogo construído no entendimento tácito do que deva ser um instituto dessa natureza. Por outro lado, o desafio da indissociabilidade entre os pilares que marcam a universidade pública brasileira, a difícil associação que deve potencializar os domínios da pesquisa avançada com os desafios do ensino e da extensão. Tomados os depoimentos aqui presentes, podemos pensar que o IEAT vem costurando, de um modo articulado, a difusão científica dos debates contemporâneos em todos os níveis acadêmicos, contribuindo ao mesmo tempo para qualificá-los e solucionar-lhes impasses, bem como criar novas possibilidades de interação entre esses.

Outro projeto posto como legado nestes anos é a delicada articulação entre os processos de internacionalização, sem perder o prumo interno. Internalizar, enraizar nos domínios do avançado na UFMG o melhor da produção internacional, na qual esse avançado se mostra transdisciplinar.

Dois princípios acadêmicos se destacam no fio destas memórias como sendo estratégicos na construção de um instituto dessa natureza. O transdisciplinar, marcado pelo convite para transgredir as fronteiras do pensar os problemas da vida contemporânea, e a pluralidade epistemológica, que deve marcar tal orientação no âmbito da universidade democrática e republicana.

OS ORGANIZADORES

PAULO SÉRGIO LACERDA BEIRÃO

IEAT: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Passadas quase duas décadas de sua criação, é importante refletir o que o IEAT representa hoje e quais podem ser suas perspectivas futuras. Para iniciar esta reflexão nada melhor do que olharmos as motivações de sua criação, e o que se esperava dele.

A proposta surgiu do debate no âmbito da comissão designada pelo então reitor da UFMG, professor Francisco César de Sá Barreto, para a criação de um instituto de estudos avançados. Nessa comissão, constituída por cinco membros representando as grandes áreas do conhecimento (Artes, Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Humanidades e Tecnologias), as discussões se iniciaram com algumas perguntas básicas: Para que um instituto de estudos avançados? Já naquela época, a UFMG comportava grupos de pesquisa com reconhecimento nacional e internacional, com atividade científica de alta qualidade. Em que a criação de um Instituto de Estudos Avançados poderia melhorar a qualidade desses grupos de pesquisa? Ou seria papel do Instituto induzir novas pesquisas? Qual seria o risco de grupos pertencentes ao Instituto se cristalizarem dentro dessa estrutura, criando a ideia de que a qualidade estaria restrita a ele? O Instituto assumiria todas as pesquisas avançadas que seriam realizadas no âmbito da UFMG? Caso contrário, quais dessas pesquisas seriam abrigadas no Instituto? Qual seria

o critério de escolha? Se estudos avançados podem ser feitos dentro dos departamentos e das estruturas existentes nas universidades, qual o diferencial que poderia ser oferecido pelo Instituto que justificasse sua criação?

Esses questionamentos lembraram que a organização departamental da UFMG, fundamentada em disciplinas, prejudicava o estudo abrangente de problemas que ultrapassassem os limites disciplinares. É fácil elencarmos problemas de grande relevância e atualidade que não podem ser compreendidos e enfrentados, tomando por base uma, ou mesmo, poucas disciplinas. E o pior, quando são consideradas apenas sob o ângulo de uma única disciplina, frequentemente são geradas soluções limitadas, e até mesmo inadequadas, para o seu enfrentamento. A excessiva compartimentalização levava em muitos casos (mas felizmente não em todos) ao isolamento de departamentos.

A partir dessa reflexão, ficou claro que a UFMG, como a maioria das universidades brasileiras, carecia de um espaço que permitisse um tipo de pesquisa que ultrapassasse as barreiras disciplinares e departamentais, pesquisa mais focada em problemas do que em disciplinas. Dessa conclusão, elaborou-se melhor o que seria esse ideal de pesquisa, que passamos a denominar “transdisciplinar”. Registra-se que, à época, não havia clareza sobre o que seria multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

A decisão do foco na transdisciplinaridade

A partir das discussões anteriormente mencionadas, ficou clara a importância de se criar um espaço onde pesquisas que ultrapassassem os limites e barreiras departamentais

que ultrapassam os limites e barreiras departamentais pudessem ser abrigadas e estimuladas. Mas, para isso, seria necessário estabelecer claramente o conceito de pesquisa transdisciplinar. Um fruto do trabalho dessa comissão foi a publicação de um artigo no qual esse conceito é trabalhado.^[1]

Mesmo sabendo que pesquisas verdadeiramente transdisciplinares são difíceis – e quase uma utopia dentro da estrutura de nossas universidades –, mais do que um desestímulo, essa constatação foi um argumento a mais para a criação de um instituto com essa característica. O que se pretendia com esse conceito era promover pesquisas, nas quais especialistas de diferentes formações, diferentes qualificações, enfoques e, porque não dizer, vieses, pudessem trabalhar em conjunto, cooperativamente, buscando o enfrentamento e soluções para problemas relevantes da nossa sociedade e da natureza. Esse tipo de abordagem é indispensável para o enfrentamento de problemas complexos que nos desafiam.

Riscos da proposta

Uma proposta dessa natureza implica riscos que não podiam ser desconsiderados. O principal deles seria um conceito equivocado de pesquisa transdisciplinar. Basicamente, dois tipos de equívocos foram considerados e para eles buscaram-se mecanismos de prevenção. O primeiro seria a confusão de transdisciplinar com pesquisas holísticas superficiais – generalidades com pouca fundamentação em pesquisa. O segundo era o temor de que o IEAT pudesse tornar-se um refúgio para qualquer pesquisa que não fosse aceita no âmbito departamental, uma espécie de “refúgio dos enjeitados”. A manutenção do “A” de “Avançadas” e políticas para a valorização desse conceito, apoiadas em um comitê

científico de alto nível, ajudaram a diminuir esses riscos.

Outro risco seria o IEAT se transformar em um “clube” restrito e fechado. Para isso, o instrumento legal de criação do IEAT tomou o cuidado de garantir uma rotatividade dos componentes da diretoria, de forma a dar a capacidade de constante renovação de pessoas e ideias. Mas essa rotatividade também implica um risco quando o caráter da instituição ainda não está consolidado. Também decidiu-se não haver lotação permanente de docentes, e sua vinculação ao IEAT dar-se-ia apenas durante a realização de projetos avançados e de caráter transdisciplinar.

A proposta

A solução encontrada para diminuir esses riscos foi a seguinte: o IEAT foi criado como um projeto experimental, sem ser incorporado aos organogramas da Universidade, sem burocracia e sem amarras legais. Ao mesmo tempo, na sua criação, foi instituído que esse projeto seria avaliado após sete anos, podendo então tornar-se formalmente um instituto dentro da organização da UFMG. Esse dispositivo de cautela permitiria, portanto, que o processo terminasse caso prevalecesse algum dos riscos mencionados. O prazo de sete anos foi considerado suficiente para se adquirir uma identidade capaz de manter o espírito original de busca de pesquisas avançadas e transdisciplinares, e caso não tivesse ocorrido isso, não valeria a pena sua continuidade. Como, ao fim desse “período probatório”, a avaliação foi muito positiva, houve consenso na sua continuidade, e o IEAT foi institucionalizado por meio da Resolução nº 03/2005, de 12 de maio de 2005.

Um instituto dessa natureza deve ter a liberdade de pensar grande, independentemente das contingências e

circunstâncias do dia a dia acadêmico. Não se nega, naturalmente, a importância da administração acadêmica, mas é fundamental para se evoluir que haja alguma instância capaz de pensar, sem preocupação com limitações orçamentárias, legais, circunstanciais etc. Por que não dizer, pensar na “utopia” que, como diz Eduardo Galeano, é o que nos faz mover? Portanto, esse desatrelamento e essa autonomia são essenciais para a missão do IEAT.

Curiosamente, esta característica, a independência, foi bastante ameaçada nesse momento, o que quase comprometeu a continuidade do projeto. Felizmente, esse impasse foi superado com a garantia formal da independência – mas é preciso termos consciência que esse é um risco ao qual o IEAT estará sempre sujeito. Mesmo com a independência formal, a verdadeira autonomia tem que ser buscada constantemente.

O presente

Olhando para o presente, podemos constatar que o conceito da transdisciplinariedade está bem estabelecido na UFMG. Há bastante clareza da necessidade de se estimular pesquisas multi e transdisciplinares, mesmo fora do âmbito do IEAT. Muito dessa nova mentalidade pode ser atribuída ao trabalho inicial de convencimento, promovido pelo IEAT e pela criação de novas linhas de pesquisa com características transdisciplinares gestadas no âmbito do Instituto – o IEAT funciona como incubadora de linhas de pesquisa, pois elas não ficam permanentemente ligadas a ele. Deve-se reconhecer também a existência de estímulos externos, principalmente de agências de fomento, que passaram a induzir redes de pesquisa cooperativas, temáticas, assim como a geração de programas de pós-graduação multi e interdisciplinares. Há mais oportunidades hoje para

realizar pesquisas avançadas e transdisciplinares do que havia no passado.

O futuro

E o futuro? Naturalmente a própria dinâmica da Universidade e de seus grupos de pesquisa forjarão futuras propostas e linhas de pesquisa. No entanto, sem prejuízo dessa dinâmica, creio que o IEAT pode e deve induzir pesquisas em áreas críticas para o país. Uma dessas áreas, em que há uma grande carência de discussão embasada em evidências, por um lado, e com muita passionalidade por outro – até porque envolve interesses próximos a nós – é a estruturação do Ensino Superior Público Brasileiro.

Começo pelas metas do PNE (2011-2020):

- Meta 12: elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% das novas matrículas, no segmento público;
- Meta 13: elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75%, sendo, do total, no mínimo, 35% doutores;
- Meta 14: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação *stricto sensu*, de modo a atingir a titulação anual de 60 mil mestres e 25 mil doutores.

O PNAD (2011) nos informa uma taxa bruta de 27,8% e taxa líquida igual a 14,6% de matrícula no ensino superior, ou seja, há necessidade de mais do que

superior, ou seja, na necessidade de mais do que duplicarmos a taxa líquida até 2020.

Essas são metas ambiciosas, e que devemos buscar atingir não apenas por terem sido aprovadas com toda a legitimidade democrática, mas por serem absolutamente necessárias para o desenvolvimento econômico, social e cultural que o país almeja. O Brasil ainda é um dos países com menor oferta de vagas no ensino superior em relação à sua população, tem uma proporção de pesquisadores menor do que a média mundial e, com algumas honrosas exceções, a qualidade de sua formação superior é muito questionável. Isso faz com que desperdicemos muitos talentos que não encontram oportunidade de se desenvolverem na Universidade, ou são desestimulados por um ensino dogmático e de baixa qualidade.

A maior iniciativa para alcançarmos essas metas foi feita por meio do programa Reuni, que objetivava a Reestruturação e Expansão das universidades federais. De fato, o programa foi muito bem-sucedido no seu aspecto da Expansão: o número de vagas presenciais cresceu de 109.184 para 231.530 (dados de 2011), e até 2014 foram criadas 18 universidades federais e o número de *campi* universitários cresceu de 148 para 321. Por outro lado, o “R” do Reuni foi praticamente esquecido. Como foi delegada às universidades a decisão de como e quanto expandir, estas se mostraram (com pouquíssimas e honrosas exceções) incapazes de inovar na sua organização acadêmica. Apenas reproduziram o já arcaico modelo de agregados de escolas profissionalizantes. Por que isso? Porque as universidades estão ocupadas em resolver os problemas do dia a dia, muitos deles derivados da própria ignorância do seu papel social e também por se ocuparem em demasia com interesses imediatos e corporativos. Relegam, dessa forma, para um segundo plano discussões muito mais importantes. Assim

penso.

Por isso, e por ser o IEAT um órgão que deve manter-se independente das circunstâncias e contingências políticas e administrativas da Universidade, ele se torna uma instância valiosa para se refletir a questão do Ensino Superior Público Brasileiro.

Isso nos leva às questões: Como expandir? Manter o mesmo modelo baseado em cursos profissionalizantes? Como fazem os países que têm alta taxa de matrícula no ensino superior? Qual seria a melhor organização para o ensino superior público brasileiro?

O Brasil carece de universidades de classe mundial, de universidades que sejam reconhecidas internacionalmente como uma das melhores do mundo. Não temos nenhuma universidade situada entre as 100 melhores do mundo, em nenhum dos rankings internacionais (devemos reconhecer as fragilidades desses rankings, mas nem por isso ignorar que há algum significado nessas avaliações). Existem de 16 a 23 países com pelo menos uma universidade mais bem posicionada do que a nossa melhor: a USP.

Por que é importante termos uma universidade de classe mundial? No plano interno, é importante termos referências de qualidade, locais de formação de pessoal altamente qualificados, centros trabalhando na fronteira do conhecimento. Com isso, teremos condição de colocar o país em conjuntura de estarmos contemporâneos ou até à frente na geração de conhecimento, sem depender sempre do saber gerado no exterior. No plano externo, é fundamental para o Brasil se inserir entre os países que se distinguem pela qualidade da formação superior, o que, entre outras características, confere credibilidade aos nossos produtos de alta tecnologia, abrindo mercados importantes.

Isso nos traz o dilema quantidade *versus* qualidade. Se, por um lado, carecemos de um número muito maior de graduados em nível superior e na pós-graduação, não temos nenhuma universidade posicionada entre as melhores do mundo. Como conciliar essas duas necessidades? O Brasil não tem resposta para essa pergunta. Já vivemos situação análoga e com maus resultados na expansão do ensino básico público, que ocorreu à custa da qualidade.

Proponho que o IEAT, exatamente por ser uma estrutura potencialmente inovadora diante da natureza arcaica da universidade brasileira (com algumas raras exceções, é necessário novamente reconhecer) estabeleça uma linha de pesquisa sobre os rumos da universidade pública brasileira. Há necessidade desse estudo, baseado em pesquisa histórica tanto do Brasil quanto da experiência internacional, para fornecer subsídios para o enfrentamento dessa demanda. Algumas questões precisam ser enfrentadas, como: Todas as universidades devem desenvolver missão idêntica? Devem dispor da mesma estrutura? Se houver diferentes perfis de universidades, como deverá ser a avaliação delas? Quais seriam esses perfis? Como conciliar a necessária expansão com a igualmente necessária presença de universidades no cenário mundial? O que a nossa sociedade deve esperar de nossas universidades? Apenas a diplomação de nossos jovens?

O Brasil precisa enfrentar essas questões, porque não há recursos financeiros e humanos para todas as universidades almejarem ser de classe mundial. Mesmo em países ricos como os Estados Unidos, há perfis diferentes de universidades, atendendo demandas legítimas e diferenciadas da sociedade estadunidense.

Essa é uma discussão que me parece absolutamente

necessária, e deve ser feita fora da estrutura convencional da Universidade, e seria muito oportuno se o IEAT a incluísse em sua missão.

Notas

[1] DOMINGUES *et al.*, 1999.

Referência

DOMINGUES, I. *et al.* Transdisciplinaridade: descondicionando o olhar sobre o conhecimento. *Educação em Revista*, 29, p. 109-116, 1999.

IVAN DOMINGUES

O IEAT E NÓS: PASSADO E FUTURO

Depois de tanto tempo, é com prazer que estou de volta às atividades do IEAT, compartilhando com os colegas, ex-diretores, esta mesa, para mais um balanço das atividades do Instituto.

Antes de mais nada, uma breve explicação sobre o título que escolhi para a minha fala: “O IEAT e nós: passado e futuro”. O “nós” somos nós, os diretores, eu incluído, ao compartilhar com eles as realizações, os desafios e o destino do IEAT, e também nós, os fundadores, alguns deles aqui na mesa, como Beirão, Alfredo e eu, outros ausentes, como Evando Mirra, e um deles do outro lado do globo, como Heitor Capuzzo, ao procurar recuperar a intenção originária do projeto do IEAT, e comparar com o que sucedeu ou se realizou depois. Contudo, mais do que olhar para trás, para o passado do IEAT, vou olhar para frente, para o futuro, e indagar não tanto pelo que nos espera, como uma fatalidade, mas pelo que podemos fazer, como possibilidade. Onde o subtítulo “Passado e futuro”.

Assim, dois serão os eixos. Um, rememorativo, com o intuito de recuperar alguns pontos que eu considero importantes acerca da história do IEAT, nesses seus 15 anos de história, tendo sido eu um dos fundadores e ao mesmo tempo vendo meu nome e minha carreira ao longo dos anos identificados com o IEAT, solicitado para

conferências, workshops e reuniões. Digo, não só na UFMG e no estado de Minas Gerais, mas em vários pontos do país e nas mais variadas instituições, como universidades, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em eventos nos quais o Instituto e as bandeiras do IEAT eram e são – pois a vida continua – o centro das atenções, junto com a inter e a transdisciplinaridade. Outro, propositivo, ao aproveitar a ocasião da mesa e do evento para formular algumas propostas visando o futuro do IEAT, propostas de novas frentes de atuação e também propostas de corretores de rota.

Começando pela história do IEAT, gostaria de salientar que quando o Instituto foi fundado, nós decidimos que o escopo e o campo de atuação do IEAT seriam antes de tudo a pesquisa, a exemplo dos outros institutos existentes em outras partes do mundo, a começar pelo de Princeton, o mais velho e o pai de todos.

Ao dizer isso, aproveito para esclarecer que estava claro para nós que a escolha da pesquisa não significava que deveríamos virar as costas para o ensino, graduação ou pós, com sua estrutura cartorial e rigidamente disciplinar, mas que a ênfase deveria ser a pesquisa e abrir-se para experiências-pilotos no ensino naquelas situações em que o ensino, a pesquisa, o transdisciplinar e o avançado pudessem ser conectados e coordenados, abrindo novos horizontes para os professores e os alunos da UFMG. Sobre esse ponto, lembro que alguma coisa foi feita no campo do ensino, mas foi muito pouco e a mais recente delas, sem gerar nenhum resultado concreto, foi o seminário que durou dois anos sobre bacharelado interdisciplinar – os chamados BIs, no plural, pois várias experiências estiveram na agenda das discussões –, cujo relatório final Maurício e eu deixamos na Proplan no fim

da gestão de Campolina e por lá ficou.

Voltando à escolha, vários eram os requisitos que deveriam ser atendidos para que um instituto de pesquisa desta natureza pudesse vingar na UFMG e um dia mostrar à comunidade a que veio e exibir os seus frutos: 1) a autonomia e a independência ao definir agendas e objetivos, bem-entendido agendas e objetivos acadêmicos, e portanto sem a tutela ou a ingerência da administração central ou de diretorias de faculdades – o que nunca quis dizer ou foi entendido que o IEAT deveria se ensimesmar e voltar as costas para a Reitoria; tal fato nunca aconteceu e, em vários reitorados, o IEAT não só fez parte da equipe como também atendeu a demandas do reitor e do reitorado, como no seminário sobre os BIs; 2) a implantação do sistema de cátedras internacionais associado ao programa de professores visitantes, a exemplo dos melhores IEAs do mundo, e, no caso do IEAT, viabilizado no reitorado de César Sá Barreto, graças à sua ousadia e ao seu apoio pessoal, ao criar a Cátedra FUNDEP, com um *endowment* na época de 1 milhão de dólares; 3) a implantação de grupos de pesquisa, na esteira dos melhores IEAs do mundo, e, como no caso da USP, com mais de uma dezena de grupos, ponto ao qual voltarei na sequência; 4) a instauração do programa de professores residentes, em sintonia com o programa de professores visitantes, porém destinados aos professores da casa, em programas sabáticos internos, programa criado na época da gestão de Carlos Brandão com excelente repercussão na comunidade e hoje algo precarizado, com salários baixos, depois do fim do Reuni, quando chegou a ser ameaçado de extinção, porém continua vivo. E vou parando por aqui.

Outra decisão que tomamos, porém nunca executada em sua totalidade, era que o IEAT deveria ser criado em caráter experimental por dois anos, devendo ao fim do

período ser avaliado e sua institucionalização ser encaminhada ou não, quando a proposta de promover estudos avançados e transdisciplinares, estes ao menos como ideal, seria examinada em profundidade, em contraste com a experiência de outros IEAs caracterizados por promover pesquisas interdisciplinares, como o da USP, e mesmo disciplinares, como o de Princeton. Havia o medo e mesmo a reserva de todos nós de que o transdisciplinar pudesse vir na companhia de coisa ruim e sem nada a ver com a pesquisa, como o misticismo *newage* pseudo-científico de Capra ou uma espécie de panaceia metodológica como em Morin e Nicolescu; e a nossa aposta, ao buscar o antídoto para esse mal e risco muito real, foi buscar a companhia do avançado e escolher a pesquisa como escopo e campo de atuação. O resultado, depois de passado o período experimental de dois anos, é que o IEAT foi institucionalizado tendo como base as realizações, os *workshops*, os *brainstorms*, os seminários e os dois livros de fundação (*Conhecimento e transdisciplinaridade* e *Conhecimento e transdisciplinaridade II*),^[1] em que os problemas conceituais e metodológicos foram equacionados e encaminhados. Porém, a bem da verdade, sem que jamais fizéssemos o balanço da pertinência e da conveniência do trans ou então do interdisciplinar.

Encerrando o capítulo rememorativo, eu gostaria de acrescentar sobre a questão transdisciplinar que – quando escolhemos o “trans” como eixo, justificando a inclusão do T na sigla e depois do A, de avançado – nós exploramos na ocasião uma literatura, antes de tudo, francesa, patrocinada pela UNESCO e com grande prestígio internacional. Lembro-lhes então que, naquela época, tivemos a maior dificuldade em apontar exemplos bem-sucedidos de experiências trans, à diferença das rivais inter e multidisciplinar, em que os exemplos abundam, como os projetos Apollo e Manhattan o programa do

como os projetos Apelo e Múltiplos, o programa do transistor da Bell, e outros mais. Apertados, sem nada de concreto para mostrar, ficamos com duas metáforas, duas excelentes metáforas por sinal: 1) a *Demoiselle d'Avignon*, de Picasso, com seu olhar oblíquo, o qual o identificamos com o olhar transdisciplinar e que poderá ser visto, o quadro, sem a necessidade de ir a Madrid, ao museu Rainha Sofia, nos próximos dias em São Paulo, na superexposição consagrada a Picasso pelo CCBB bandeirante; 2) a Escola de Sagres, do mitológico infante Dom Henrique, exemplo emblemático de uma experiência que ultrapassava largamente os campos disciplinares e cuja escolha por nós não era nada inocente ou devida ao acaso, pois se aproximava a celebração dos 500 anos da descoberta, no ano de 2000, e o IEAT foi criado um ano antes, em 1999, tempos em que a caravela estava na cabeça de todo mundo.

Terminado o capítulo rememorativo, passo ao propositivo, e aí eu serei mais rápido, pois o que eu vou fazer – facilitado pelo já dito – será emendar as propostas às considerações sobre a história do IEAT, quando eu aponte as realizações, os programas e as lacunas.

Primeira proposta: o IEAT irá promover um *workshop* ou seminário para fazer o balanço das experiências transdisciplinares levadas a cabo pelo Instituto, bem como a revisão do conceito de transdisciplinaridade. Para tanto, eu recomendaria a ampliação da literatura até agora explorada pelo IEAT em seus dois livros de fundação – literatura, como eu disse, francesa, e incorporar a vasta literatura norte-americana já consagrada ao assunto e independente da UNESCO. Assim, os livros excelentes de Julie Klein,^[2] em que poderão ser prospectados novos e excelentes exemplos de experiências transdisciplinares bem-sucedidas, desde as institucionais até as de pesquisa, resultando em novos paradigmas epistêmicos. Vários são os desafios a serem considerados, notando haver mais de

os desafios a serem considerados, podendo haver mais de uma resposta aos problemas em jogo e mais de uma estratégia em termos de política acadêmica. Assim:

- desafio da flutuação conceitual: até hoje os vocábulos inter/multi/transdisciplinar não foram estabilizados, exigindo a sua constante reatualização;
- problema da barreira disciplinar: a proposta transdisciplinar não rompe com as disciplinas e a disciplinaridade, tanto é assim que mantém a palavra “disciplinar” bem como o prefixo “trans”, e não o substitui por inter, multi ou anti, ao aludir ao antidisciplinar ou alguma coisa contra as disciplinas; porém, o problema do peso e da barreira da cultura disciplinar não pode ser subestimado. É o que mostra o caso do colega de Duke, dos Estados Unidos, quando foi indagado – por mim, no caso – sobre a receptividade do inter e do transdisciplinar nos Estados Unidos. E ele respondeu: “só depois da ‘tenure’, em torno dos 40 anos...”;
- estratégia: não apostar todas as fichas no transdisciplinar; e considerar o “inter” como amiga do “trans” – esta pode ser uma boa política para o IEAT, ao criar um ambiente onde o transdisciplinar deverá ser semeado antes de ser colhido – senão, nada feito.

Segunda proposta: relançar em novas bases o programa de residentes e não deixá-lo morrer – coisa que ninguém quer, mas que está combalido e perigosamente amesquinhado, depois que os Departamentos que liberaram os professores para a residência não puderam mais contratar professores substitutos com salários

melhores, deixando o programa de ser visto como prêmio, mas como estorvo.

Terceira proposta: relançar o programa de grupos de pesquisa; fizemos muito pouco nessa área, até recentemente eram dois, hoje nenhum, salvo engano. Enquanto isso, o IEA da USP, o irmão mais velho fundado em 1986, hoje numa fase muito boa, bem mais ativo do que anos atrás, tem 16 grupos de pesquisa em São Paulo, um em Ribeirão Preto (Neurociência contemporânea) e sete em São Carlos. Deem uma olhada, tem de tudo, o cardápio é variadíssimo e todo mundo sai ganhando. Além dos grupos de pesquisa credenciados, há os laboratórios associados e os grupos de estudos, um no caso, “A evolução das universidades – desafios contemporâneos”, cuja menção me leva à quinta e última proposta. Mas antes dela há a quarta.

Quarta proposta: retomar a discussão dos BIs – o Seminário Universidade do Futuro, na gestão de Campolina, acumulou muita *expertise* sobre a experiência dos BIs no país e em outras partes do mundo, como o de Harvard. Acho que vale a pena continuar com as reflexões, tirar as consequências acadêmicas e institucionais, e o IEAT é o lugar para isso.

Quinta proposta: criar um grupo estratégico permanente de pesquisa sobre Universidade e Ensino Superior, parecida com o da USP e o da Unicamp, que infelizmente fechou – proposta que eu já havia apresentado a Maurício na gestão de Campolina, mas que não saiu do lugar: aproveito a ocasião para relançá-la e propor inclusive o nome “Grupo de Estudos sobre Universidade e Ensino Superior: Desafios e Perspectivas”. Imagino que um grupo como esse fortaleceria o IEAT e tem tudo para ser considerado estratégico pelo reitorado.

Concluindo a minha fala eu gostaria de retomar

Concluindo a minha fala, eu gostaria de retomar rapidamente os dois exemplos transdisciplinares do IEAT, o da Demoiselle d'Avignon e o da Escola de Sagres, e voltar ao primeiro livro do IEAT, que fez tanto sucesso por aí e hoje esgotado,^[1] justificando a oportunidade de seu relançamento – esta será a minha *sexta proposta* – e ressaltando mais uma vez a necessidade de fazer a tal revisão conceitual depois de 15 anos de experiência, quando o IEAT deixou de ser uma ideia e passou a ser uma realidade, despertando o interesse e a atenção de muita gente. Ao retomar os exemplos, vou ficar só com um, o da Escola de Sagres, acerca do qual eu gostaria de compartilhar algo com os colegas aqui presentes. É que recentemente, ao proferir uma conferência na UFRJ sobre a inter e a transdisciplinaridade, eu voltei à Escola – que de fato nunca existiu como escola, mas como lugar de encontro e canteiro de obras – e tratei então de rever e expandir o exemplo, melhorando-o e refinando-o, ao reinscrevê-lo no contexto mais amplo das descobertas e das grandes navegações, bem como ao ressemantizá-lo mediante o método da expansão metafórica, de modo que aquilo que parecia meio lacônico e algo enigmático no livro ficou mais claro e convincente. Não vou apresentar esse material aqui hoje, nesta mesa, por absoluta falta de tempo, nem vou anexar o material numa eventual publicação do IEAT consagrada ao Seminário IEAT 2015. Todavia, se Las Casas quiser, poderei disponibilizá-lo ao IEAT e à comunidade da UFMG, ou então, melhor ainda, ao livro *Conhecimento e transdisciplinaridade*, que me parece ser o lugar mais apropriado, e se um dia por acaso ele for reeditado.

Notas

[1] DOMINGUES, 2001; DOMINGUES, 2005.

[2] KLEIN. 1990: KLEIN. 1996: KLEIN. 2001.

[3] DOMINGUES, 2001.

Referências

DOMINGUES, I. (Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DOMINGUES I. (Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

KLEIN, J. T. *Interdisciplinary: history, theory & practice*. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

KLEIN, J. T. *Crossing boundaries: knowledge, disciplines and interdisciplinarity*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1996.

KLEIN, J. T. *et al.* (Ed.). *Transdisciplinarity: joint problem solving among science, technology and society*. Boston/Basel/Berlin: Birkhauser Verlag, 2001.

CARLOS ANTÔNIO LEITE BRANDÃO

A CIDADE, A UNIVERSIDADE E O IEAT ENTRE, ANTES E DEPOIS DE 2005 A 2009

Criado para abrigar pesquisas de caráter avançado e transdisciplinar, o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG ainda está sendo construído. E, devido à própria natureza daquilo que ele tem por objetivo estudar, essa construção estará sempre em curso. Periodicamente, ele deve fazer um balanço do que sejam o “avançado” e o “transdisciplinar” em um determinado momento, em um específico campo do conhecimento e no conjunto de saberes disponíveis dentro e fora da academia. Este Seminário sobre seus caminhos e direções é um desses momentos e agradeço o convite de contribuir para ele e depor sobre minha gestão como diretor do IEAT entre 2005 e 2009. Outro momento foi o seminário *As Fronteiras do Saber* que promovemos em 2006 para identificar o que era avançado nas humanidades, nas artes, nas ciências e em outras esferas frequentadas pelo humano. O “infinitamente grande” e o “infinitamente pequeno” apareceram, naquela oportunidade, como as regiões onde se debruçavam as pesquisas avançadas da Física. O conflito entre “democracia” e “república” realçava-se na filosofia política. As “intrigas” da História, da Literatura, da Poesia e da Técnica recortavam-se e eram investigações concernentes ao regime

transdisciplinar das humanidades e suas conexões com a vida, com a antropologia, com os sistemas autopoieticos, com o tempo, com o espaço e com a cidade contemporânea, se é que ainda podemos chamar de “cidades” o ambiente pós-metropolitano e “urbicida” onde estamos (mas o habitamos, no sentido verdadeiro de “habitar”?). As novas e radicais questões ambientais, éticas e morais que a tecnologia e a biologia contemporâneas descortinaram revelaram-se pontos centrais do avançado e do transdisciplinar atual. Prospectados no subsolo dessas camadas científicas e não científicas foram apontados alguns dos novos registros com que a racionalidade, a psicologia, a filosofia e a religião de um novo homem e de um novo mundo deveriam trabalhar se quisessem contribuir para o interminável processo de responder às perguntas sobre o que somos, para onde vamos e de onde viemos.

Até onde esses e outros pontos levantados naquele evento ainda servem para balizar as pesquisas avançadas e transdisciplinares atuais é assunto para outra oportunidade. Mas há uma moldura dentro da qual eles foram apresentados, que se encontra bem-definida na concepção original do IEAT e que expusemos na abertura daquele e de todos os outros eventos que organizamos. Essa moldura compõe-se de dois axiomas. O primeiro é que “inovação” e “tradição” devem ser articuladas, e não contrapostas. Se a “querela” ocidental veio a opor os “antigos” e os “modernos” e a alimentar-se bastante de “vanguardas”, “rupturas” e “revoluções” – estratégia esta inspirada pelos progressos das “ciências da natureza” e das técnicas, mas que não é necessariamente a mais válida para os procedimentos das “ciências do espírito” ou das artes, nas quais não há “progresso”, propriamente falando – cumpre ao contemporâneo rearticular inovação e tradição. Isso por três razões, no mínimo: avaliar aquilo que criamos diante do que herdamos e do que deixaremos

que chamamos diante do que herdamos e do que deixaremos para aqueles que nos sucederão, *quid tum?*; fazer com que as ciências da natureza e do espírito, as técnicas e as artes dialoguem entre si; e, por fim, evitar o “presentismo”, ou seja, cair num presente sem passado e sem futuro no qual nos afundamos como em um abismo e nos afogamos encantados pelo canto sirênico dos espetáculos, do fugaz e das engenhocas tecnológicas e virtuais.^[1]

O segundo axioma, e talvez o mais importante, é a firmeza com que o IEAT sustenta a ideia de que o transdisciplinar não se opõe ao disciplinar. Ao contrário, alimenta-se dele. A clareza disso distingue o Instituto da UFMG. Tal axioma deve ser incessantemente repetido dentro e fora dele. O transdisciplinar não é um conhecimento que está acima dos outros, não é uma espécie de “metadisciplina”, não é um método geral ou um “método dos métodos”, não é uma *omnisciência* ou “uma ciência das ciências” e nem se avizinha de uma transcendência mística e religiosa, o que, aliás, é um perigo que se divisa frequentemente, como em vários congressos sobre a transdisciplinaridade. É comum vermos discursos superficiais e conferencistas aparentemente sofisticados falarem em nome do multi-, do inter- ou do transdisciplinar e atacarem ferozmente a organização e os conteúdos disciplinares. Em geral, esses discursos são vazios, não compreendem nada de nada e, alardeando a falência do conhecimento disciplinar e especializado, tentam fazer correlações e conexões totalmente desprovidas de conhecimento, rigor, pertinência e contextualização. O “trans-”, para o IEAT, não se faz na superfície das disciplinas, mas na profundidade delas. Só na medida em que mergulhamos profundamente no conhecimento disciplinar é que encontramos, no fundo dele, os limites, as questões e os impasses que o obrigam a conectar-se com outros campos do conhecimento e contaminar-se deles. Esse foi, por exemplo, o caso da biologia ao avizinhar-se da

computação para fazer avançar o conhecimento do código genético. Esse é o caso da neurociência, hoje, e da robótica, a qual é obrigada a estudar os feromônios das formigas e as colmeias das abelhas, para entender como vários robôs pequenos podem vir a interagir entre si, reconhecer um ambiente e atuar nele conforme as suas circunstâncias e contingências.

Acabamos de ver como convém à transdisciplinaridade ser construída a partir da profundidade disciplinar, e não na superfície dela. Além disso, ela não é um “método” para fazer ciência; quiçá, um procedimento. Seria correto, portanto, inferir que o ensino acadêmico procedesse da mesma forma, ou seja, introduzisse e desenvolvesse o aluno de graduação primeiramente em uma competência disciplinar para só posteriormente, no período final de sua formação, incentivar e promover as conexões com outros campos? Correta ou não, essa foi a hipótese que expus numa das etapas do Seminário sobre a Universidade do Futuro, realizada na Escola de Música da UFMG, e no qual discutimos algumas iniciativas correntes no Brasil e na Europa, entre as quais as que se pautavam pela estratégia oposta: fazer o aluno ter uma formação inicial “generalista” em sua graduação – ao longo de 2 ou 3 anos, talvez – para posteriormente ele investir numa especialidade. Talvez não haja muita diferença nos resultados oriundos dos dois procedimentos, quando do término da graduação estudantil. Apesar de a minha exposição me parecer mais coerente com o segundo axioma exposto, existem certamente outros aspectos que eu não percebi e que poderiam, inclusive, fazer eu rever o conteúdo e a pertinência da minha hipótese. Mas o que mais importava naquele auditório da Escola de Música era preservar uma distância crítica e desconfiar de consensos que pareciam demasiado estabelecidos e “novidadeiros”, ao menos para mim, e de cujas reais intenções eu desconfiava. Por muito tempo de minha vida, aderi

rapidamente a tais “novidades” e errei por isso. Aprendi a desconfiar de mim e delas, colocando-as em suspenso por um tempo e diante de visadas e razões diferentes das minhas e daquelas a que se filiavam. Essa desconfiança, essa suspeita crítica e essa capacidade de mover-se para outros lugares e outros olhares é uma das tarefas difíceis que o IEAT deve tentar promover. E aprendi a mover-me com ele e os vários pesquisadores que por ele passaram.

Tendo falado da robótica anteriormente, lembro-me de acrescentar aqui uma outra consideração. A robótica e vários outros campos e procedimentos transdisciplinares, como a mecatrônica, a bioquímica, o eletromagnetismo, o urbanismo e as ciências socioambientais, consolidaram-se e desenvolveram-se “inter- ou transdisciplinarmente” até tornarem-se “disciplinas”: o transdisciplinar é histórico; quiçá, provisório. Ele é um estágio do disciplinar, assim como a disciplina é um estágio do transdisciplinar: círculos ou arcos hermenêuticos... E, além de histórico, o transdisciplinar é “transtemporal”: ele está “além”, “aquém”, “através” e “entre” os espaços disciplinares e as “ilhas” do tempo, como um mar que as banha, atravessa-as e as liga. O “mercador” transdisciplinar é uma espécie de Marco Polo que navega entre as ilhas do tempo, dos contextos e das disciplinas, comercia e troca o que elas produzem, traduz as diversas linguagens faladas em cada uma delas e as transporta de um lugar a outro, como Mercúrio ou como o Ariel de *A Tempestade*, de Shakespeare. Não seria exagero dizer que, sendo esse comércio também transtemporal, o conhecimento transdisciplinar atual deve aportar em estratégias de conhecimento que a modernidade fez submersas, como, por exemplo, a renascentista de um Nicolau de Cusa, Toscanelli, Alberti e Leonardo da Vinci, e, se for o caso, reatar com alguns nós que ficaram rompidos na história do Ocidente e de suas universidades. Isso também faz parte das investigações que o IEAT deveria abrigar.

Eu ainda não era membro do Conselho Diretor do IEAT, quando, no início dos anos 2000, fomos para Tiradentes discutir os modos possíveis de institucionalizá-lo dentro da UFMG, depois de um período experimental. Consolidamos, então, a ideia de que ele deveria ser um instituto de pesquisa, e não uma unidade de ensino ou um órgão complementar, suplementar ou de extensão. E, além disso, ele não deveria ser objeto de uma institucionalização “forte”, pois isso o enrijeceria e contrariaria uma das principais razões de criá-lo: funcionar como instância crítica à própria UFMG e seus procedimentos e oferecer alternativas para ela fazer aquilo que sua própria estrutura obstaculizava ou não dava lugar. Dessa forma, optamos por dar-lhe uma institucionalização “fraca”, sob o nome de “outro órgão”. Não foi uma decisão fácil, mas ainda hoje ela me parece a mais adequada. Se o IEAT fosse, por um exemplo, um órgão suplementar da Reitoria, ele perderia grande parte de sua autonomia e do papel crítico, construtivo e prospectivo que deveria ter. Se ele se institucionalizasse como unidade de ensino ou órgão de extensão, não tenho dúvidas de que ele, recém-concebido, já teria sido engolido pela quantidade e enormidade de demandas que lhe seriam submetidas, como eu mesmo pude verificar no período em que o dirigi. Conviria ao IEAT fomentar e abrigar “temporariamente” pesquisas e procedimentos novos ou que não tivessem espaço adequado dentro da estrutura universitária. Caso eles dessem frutos e se revelassem promissores, seriam, então, transferidos e fixados em outras instâncias da Universidade, liberando o IEAT para novas prospecções. Os encontros transdisciplinares, as cátedras, os seminários, as visitas internacionais, os grupos de pesquisa, o programa de professor residente e outros experimentos do IEAT serviram e ainda servem a esses propósitos e a essas

prospecções.

Um desses experimentos mais férteis e ousados do IEAT foi o Curso “Cidades”, realizado na gestão do meu antecessor, Professor Alfredo Gontijo. A cidade é, nitidamente, um tema transdisciplinar e avançado a ser “atravessado” com a diversidade de perspectivas expostas pelos professores e pesquisadores convidados. Os discentes pertenciam também a vários cursos, de dentro e fora da Universidade. Além disso, havia alunos que não faziam curso nenhum, como por exemplo, artistas, artesãos e profissionais liberais. Eles eram de vários níveis, inclusive do ensino fundamental e médio. Trabalhando juntos, eles disponibilizavam e trocavam suas várias experiências e saberes e construía produtos e processos por meio dos quais compartilhavam suas racionalidades, competências, memórias, desejos e objetivos. Com isso, não apenas era transmitido o saber depositado na Universidade como também era incorporado o saber gerado fora dela e realizado aquilo que Boaventura Santos chama, em *Pela mão de Alice*, de “extensão invertida”. Além do que experimentei nos Festivais de Inverno e de Verão realizados pela UFMG, essa foi uma das melhores e mais ricas experiências “transversais” do conhecimento de que já participei em nossa Universidade, como depois na reunião final de avaliação, e sugiro que ela seja levada a outras instâncias acadêmicas. Dela resultou, por exemplo, o livro *As cidades da cidade*, referência bibliográfica sobre o tema que me parece fundamental.^[2] Mas, nessa mesma reunião, expus o que me pareceu nossa limitação estrutural. Nós mesmos, docentes e pesquisadores, não havíamos nos engajado num projeto verdadeiramente transdisciplinar. Apesar de nossos propósitos iniciais, não conseguimos ir muito além do “multi-”. Limitamo-nos a dar aulas e conferências sobre a cidade a partir de cada uma das perspectivas disciplinares a que estávamos vinculados, deixando a

cargo dos alunos combinarem-nas como lhes parecesse devido. Nenhum de nós, pesquisadores e professores, deixou a sua perspectiva em hora alguma e nem foi contaminado pelas dos outros. Ao contrário dos alunos, saímos do curso como nele entramos e não nos engajamos numa pesquisa comum e transdisciplinar capaz de oferecer alternativas e soluções para um objeto tão complexo, transdisciplinar e problemático como é o das “cidades” e do “urbano”, hoje, se é que ainda podemos utilizar tais termos.

São várias as razões para tanto, além dos vícios e limitações de formação e de atuação que adquirimos em nossas trajetórias departamentais, como o tempo, os vínculos e os inúmeros compromissos a que somos obrigados pela estrutura tradicional, como se esta, sub-repticiamente, solapasse qualquer possibilidade de inovação e alteração. Mas o que mais importa expor, aqui, é algo que, metaforicamente, tem a ver com a seleção natural de Darwin e com os processos celulares. Aliás, uma das coisas saborosas da transdisciplinaridade é o franqueamento e reabilitação do uso de “metáforas”, as quais deixaram de ser bem vistas depois que separamos, como Kant, os campos da Verdade (Ciência), do Bem (Moral e Ética) e do Belo (Artes, incluindo a literária). Refiro-me à novidade que foi, para mim, desconfiar que a transdisciplinaridade não deveria pretender, de início, fundir os núcleos e estruturas centrais de duas ou mais disciplinas envolvidas. Esses núcleos disciplinares refutam esse contágio, a princípio. Eles resistem, não mudam repentinamente e trazem em si uma longa história de constituição, competição e sobrevivência da qual importa não abrir mão facilmente. E é bom que assim seja. O que é possível é colocar em contato apenas as margens e franjas de uma e outra(s) disciplina(s), as órbitas dos elétrons mais periféricos de seus átomos. Caso seja proveitoso e útil, esse contágio deverá, lenta e quase

imperceptivelmente, contaminar e alterar órbitas e porções cada vez menos periféricas e maiores do átomo e da célula disciplinar até, se for o caso, atingir seu núcleo e suas estruturas principais. Inclusive a estrutura do pesquisador especialista, o qual, lentamente, passa a ser menos ignorante sobre aquelas tantas outras coisas alheias à sua especialidade.

Apenas para o registro e balanço que este Seminário pretende fazer da história dos caminhos do IEAT, cumpre relatar que, no período de nossa gestão, expandimos o Programa de Cátedras, criamos o Programa Professor Residente, construímos os vídeos de todas as nossas atividades e os disponibilizamos no site do IEAT, incrementamos as publicações do Instituto e dos pesquisadores com ele envolvidos e iniciamos a Biblioteca do IEAT. Sobre isso, gostaria apenas de ressaltar duas coisas que me parecem convenientes de serem mantidas no caminho a ser percorrido. A primeira é: tudo aquilo que o IEAT publica, como seus livros e vídeos, tem origem nas próprias atividades que ele realiza. Por um lado, isso confere a tais atividades um coroamento que as prolonga no tempo e no espaço. Por outro, isso evita nosso Instituto ser confundido com uma agência de fomento para financiar publicações e pesquisas outras que não aquelas definidas por seus conselhos e comitês. A segunda refere-se à Biblioteca do IEAT. Mesmo em tempo de mídias eletrônicas e e-books, creio aconselhável expandi-la, na medida do possível, visando torná-la futuramente uma referência para o tema da transdisciplinaridade, ontem e hoje, para qualquer pesquisador nacional e internacional. Isso leva tempo, mas é um projeto que me parece valer a pena manter em foco.

Aconteceram eventos bons e ruins, às vezes para um público inferior a dez pessoas que, atendendo minhas súplicas, vinham salpicar o auditório imenso da Reitoria.

Nunca me preocupei muito com essa quantidade de pessoas pois, além de considerar prioritário os efeitos internos para os grupos de pesquisa e pesquisadores (afinal, o mundo, a cidade e as academias estão inflacionados de eventos de todas as espécies), mais me interessava gravar esses eventos e disponibilizá-los para serem consultados futuramente por quantos tivessem interesse neles, no site e na videoteca do IEAT. Disponibilizamos, inclusive, vídeos e computadores para interessados em frequentar uma pequena sala de pesquisa no IEAT. Poucos utilizaram essa sala e creio que poucos também consultaram tais registros. De qualquer forma, acredito que eles são importantíssimos e constituem um material raro e precioso, até mesmo para que não repitamos de novo aquilo que já foi feito, não patinemos sobre um eterno recomeço e mais nos dediquemos a elaborar, desenvolver e conferir desdobramentos a todo esse material que foi recolhido e produzido. Para que fazer outros seminários sobre a Universidade do Futuro, por exemplo, se não exploramos as consequências daquele que acabamos de realizar e nem as trabalhamos e as experimentamos?

Há ainda algo a ser dito sobre o Programa Professor Residente, talvez um dos mais importantes para o IEAT e para os pesquisadores e professores da UFMG. Eles constituem um território, talvez único, de conceder a eles uma espécie de “alforria sabática” de suas atividades departamentais e acadêmicas tradicionais e concentrarem-se em pesquisas e outros trabalhos fundamentais na renovação de sua trajetória. À exceção de nossos afastamentos para qualificação, são poucas as oportunidades que temos para fazer isso. O “tarefismo”, o pragmatismo extremo, a burocracia e o “quantitativismo” têm penetrado cada vez mais no cerne de nossas atividades acadêmicas, científicas e “pseudocientíficas”. É preciso, portanto, preservar e, se possível, expandir esse

programa de residência e, se for o caso, modelar outros semelhantes, talvez em nível das unidades. Contudo, ele sofre da mesma carência que apontamos em relação ao Curso “Cidades” e que tentei suprir, sem muito êxito. Com raríssimas exceções, os pesquisadores nele abrigados concentram-se quase exclusivamente em seus projetos de pesquisa e não se deixam contaminar pelos de outros residentes. A maior interação e articulação entre eles, talvez em torno de projetos de pesquisa comuns, parecem-me algo a ser induzido. O mesmo se aplica aos grupos de pesquisa que vierem a orbitar em torno do Instituto. Para incrementar os intercâmbios com tais grupos talvez fosse importante achar uma sintonia maior com a pós-graduação de nossa Universidade, o que não consegui fazer quando da minha gestão.

Entre 2005 e 2009 transferimos a sede do IEAT para as instalações que hoje ele ocupa na Unidade Administrativa III do Campus da UFMG, ampliamos a equipe técnica e administrativa, os estagiários e bolsistas do Instituto, dotamo-lo da infraestrutura necessária para aquela etapa que se seguia ao período de sua fundação e o inserimos na matriz orçamentária da UFMG, o que era capital para consolidá-lo no cerne da academia. Na reunião final de nossa gestão, realizada em Ouro Preto, definimos como prioridades principais a indução de alguns grupos de pesquisa, uma vez que poucos haviam-se apresentado ao IEAT de forma “espontânea”, e o incremento da internacionalização de nosso Instituto mediante parcerias e intercâmbios mais perenes. Contatos para tanto já haviam sido feitos com outras instituições estrangeiras, mas nada havia de muito consistente, pois eram ainda preliminares. Sei que esse trabalho de expansão e consolidação foi um dos mais árduos e meritórios desenvolvidos pelo Professor Maurício Loureiro, meu amigo e sucessor da direção do IEAT, a quem parabenizo. Quando das iniciativas de que participei com o Professor

Quando das iniciativas de que participei com o Professor Loureiro sobre isso pude tomar conhecimento das atividades e reflexões desenvolvidas em outros centros dedicados à prospecção transdisciplinar e gostaria de deixar aqui um elogio ao IEAT. Inclusive nas instituições universitárias europeias, poucos centros existem com a consistência conceitual e programática definida em torno do IEAT. O mesmo pode ser confirmado pelos depoimentos de muitos dos pesquisadores e visitantes estrangeiros que estiveram em nossa Universidade e em nosso Instituto.

Alguns dos “caminhos e direções” futuros do IEAT podem ser entrevistados nas considerações anteriores e não convém repeti-las. Ao examinar o passado, descortinamos o horizonte à nossa frente. E, reciprocamente, ao avançarmos em direção ao futuro, rumamos também em direção ao nosso passado e às nossas origens. Prospeccionar novos caminhos é tarefa do IEAT, como ao especular sobre a universidade do amanhã e sobre as profissões do futuro, título de eventos e publicação do IEAT.^[3] Seu destino é inseparável da UFMG que é inseparável do quadro das universidades federais e públicas brasileiras. Existem vários tipos e modelos de universidade, como tem pesquisado os professores Ivan Domingues e Paulo Sérgio Beirão, fundadores do IEAT na gestão do Reitor César Sá Barreto: universidades para a cidadania, de cunho humboldtiano, voltadas para patentes, exclusivamente técnicas, de pesquisa, de massa etc. Talvez cada contexto tenha a universidade que lhe convenha, desde que seja, ainda, uma “universidade” e que remeta a noções que gravitam em torno dela desde que ela foi criada no mundo ocidental, a começar pela de Bologna, ao que parece: liberdade, autonomia, universalidade de princípios, local do diálogo, do encontro e das trocas, tal como as cidades que foram “inventadas” na mesma época delas. “O ar das cidades liberta”, dizia um provérbio

medieval. O das universidades também, eu acrescentaria. Sem alguns princípios universais não há universidades, mesmo que este nome seja dado também a instituições que não se pautam por eles. Em meu ofício de professor de arquitetura tenho sustentado a ideia de que a “cidade” e o “urbano”, tal como foram concebidos, podem estar sendo “desinventados”. Na verdade, muitos já vivem em um outro ambiente a que damos o nome de “cidade” por não termos ainda cunhado um mais apropriado. Não estranharia, pois, que a universidade e a sua ideia estejam sendo desinventadas. Elas nasceram e cresceram juntas com a cidade, assim como nossa UFMG com Belo Horizonte. Essa desinvenção pode estar em curso, ainda que de forma dissimulada, como nos já mencionados quantitativismo, tarefismo e utilitarismo excessivos, na banalização do termo “universidade”, na burocracia e na judicialização imensa de seus processos, na técnica e na mercantilização do conhecimento, dos procedimentos científicos e do educador/professor, na relevância adquirida por aquilo que nada tem de relevante para a produção e difusão do conhecimento, no assistencialismo social cobrado desmedidamente da universidade brasileira (a qual já o faz amplamente, mais até do que muitas das instituições criadas exclusivamente para tanto), na dessubstancialização do *ethos* acadêmico nos procedimentos dos corpos discentes, docentes e técnico-administrativos, na dissimulada privatização do que é público, no gigantismo desprovido de qualidade, na priorização de uma “universidade de massa” ou na concepção de ela ser apenas algo que sirva para corrigir ou completar um ensino fundamental e médio precários. Se for essa “desinvenção”, o perigo a que estamos sujeitos, creio que cumpre criarmos uma “universidade” dentro dessa “universidade” ameaçada. Já escrevi sobre isto em outras oportunidades e não quero voltar a esse assunto.^[4] Mas gostaria de concluir esta exposição afirmando ser o IFAT um dos locais privilegiados para manter e

...um dos locais privilegiados para manter e desenvolver a “ideia de universidade” no seio da UFMG. Criar uma “universidade dentro da universidade” pode ser, afinal, uma tarefa transdisciplinar e avançada atualmente. Avançar para esse futuro, dissemos, implica avançar também para o passado e encontrar neles outras formas de produção e difusão de conhecimento, ir para fora dos muros acadêmicos e dos nossos tempos tão árdus e importar o frescor, por exemplo, da Escola Náutica de Sagres, dos ateliês e das oficinas do Renascimento. Sem dúvida, a forma de gerar conhecimento mudou, mas a ideia de universidade não deve ser tão alterada a ponto de ser perdida. Mesmo que ela deixe de ser central no universo pós-urbano e pós-cidade, é preciso que continuemos a habitá-la, ainda que mais “mentalmente” como uma ideia do que fisicamente. Habitamos uma ideia, mais do que ela habita em nós. Mesmo que a universidade fique descentrada e excêntrica, é preciso que a mantenhamos no centro de nossas vidas, assim como a cidade deve permanecer como uma referência quase arquetípica em nossa paisagem mental, mesmo que ela venha a desaparecer fisicamente de nosso entorno. Enquanto coisa mental e ideal, a universidade e a cidade não poderão ser desinventadas, se cuidarmos dela: sua matéria introduziu-se no espírito e é por isso que ela pode interferir até mesmo nos caminhos de um mundo hostil a ela e aos lugares da liberdade, do diálogo e de alguma solidariedade, seja entre os homens seja entre os lugares frequentados por seu sabor e por seus saberes. O IEAT é um dos responsáveis por cuidar dessa ideia, entre nós. Esse é o seu destino porque é também a semente da qual se originou.

Notas

[1] Sobre o presentismo, cf. FRANÇOIS, 2013. Agradeço

este livro à minha colega de Universidade e de IEAI professora Eliana Dutra.

[2] BRANDÃO, 2006.

[3] Cf. BRANDÃO, 2008a.

[4] Cf. BRANDÃO, 2008b, p. 238-253; BRANDÃO, 2013, p. 37-41.

Referências

BRANDÃO, C. A. L. (Org.). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRANDÃO, C. A. L. *As profissões do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a.

BRANDÃO, C. A. L. A inclusão social e a exclusão da ideia de Universidade. In: PEIXOTO, M. do C. de L.; ARANHA, A. V. (Org.). *Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

BRANDÃO, C. A. L. Uma universidade dentro da Universidade. *Revista Diversa*, Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013, v. 12.

FRANÇOIS, H. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ESTEVAM BARBOSA DE LAS CASAS

O IEAT: UMA TRAJETÓRIA EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

O IEAT tem por objetivo, de acordo com seu regulamento, desenvolver, no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atividades voltadas para a realização de estudos e pesquisas avançados e transdisciplinares, com características de excelência e de inovação, abrangendo as diversas áreas do conhecimento. Deve, então, centrar suas atividades em iniciativas que visem avançar a ciência e tecnologias de ponta, sempre alicerçadas em sólida base teórica e trazer à UFMG pesquisadores e ideias que contribuam para o avanço do conhecimento e aumentem a entropia entre seus grupos. Seus principais programas consolidados são os de Cátedras e Residentes, bem como a organização de encontros e seminários. É constituído de uma Secretaria Executiva e dois Comitês – o Diretor e o Científico.^[1]

Difere da maior parte de seus congêneres ao ter a finalidade explícita de fomentar a transdisciplinaridade e trazer para si a tarefa de incentivar grupos de pesquisa que se insiram na busca de interações que efetivamente possam conduzir a uma superação de fronteiras disciplinares. Ao longo de sua trajetória, desenvolveu um acervo teórico que se tornou reconhecido dentro e fora da UFMG, como um enquadramento consistente para basear sua atuação em buscar contribuir para a gênese e amadurecimento a

...iniciativas transdisciplinares de fôlego. Abrigou eventos e organizou coletâneas em que a discussão se centrou nos aspectos epistemológicos e metodológicos da transdisciplinaridade, trazendo o tema para o foco de pesquisadores em distintas áreas. Uma preocupação subjacente é a de tentar distinguir projetos e iniciativas fortemente alicerçadas em conhecimentos disciplinares consolidados, de maneira que a integração entre áreas possibilite um salto na direção do novo, da transcendência, visando à expansão para formas de abordagem mais ajustadas a uma realidade complexa.

Desde a sua gênese, o IEAT buscou interagir com grupos ativos em temáticas que se identificavam com sua missão. Assim, propôs a discussão de temas como Biotecnologia, Neurociências e Cidades. Um exemplo foi o apoio à estruturação e financiamento de laboratórios, tais como: o Centro de Estudos do Movimento, Expressão e Comportamento Humanos e o grupo de pesquisa Biotecnologias e Regulações, coordenados pelos professores Maurício Loureiro e Ivan Domingues.

A atitude de aguardar que estas iniciativas surjam espontaneamente do conjunto de pesquisadores da UFMG, incentivados com editais e seminários é, no entanto, insuficiente. Daí foram gerados internamente projetos como o Curso "Cidades", em 2003, congregando pesquisadores e alunos para aprofundar na temática. Imaginada como experimento transdisciplinar, o curso congregou professores de várias especialidades e alunos de cursos diversos na busca de uma integração de conhecimentos. Resultou, além da disciplina, em livro editado dentro da coleção do IEAT.

Ainda na ideia de adiantar estudos de impacto com consequências na formação de uma visão crítica e ampla da realidade, foi organizada antes da recente gestão uma

série de seminários sobre a Universidade do Futuro, aí incluída a discussão dos bacharelados interdisciplinares, que tem como desdobramento a iniciativa atual da UFMG de rediscutir suas Normas de Graduação, permitindo um contato mais fácil entre disciplinas em seus cursos. O Instituto vem buscando interagir com as estruturas e iniciativas da comunidade e da Reitoria, potencializando seu impacto e trazendo sempre o questionamento quanto aos desafios de se superarem dificuldades estruturais.

O trabalho do IEAT se reflete também em sua coleção de livros, editados pela Editora UFMG. O IEAT inicia com este volume em formato de e-book uma alternativa, explorando novas mídias para seu acervo. Ao agrupar o reitor que implementou o sonho deste Instituto em 1999, seus vários diretores, um discente e uma servidora administrativa ativa e estudiosa do Instituto, oferece uma visão de futuro alicerçada em uma experiência já madura.

Cabe agora discutir como o IEAT deve-se adequar a uma realidade que se altera a cada instante. A partir da primeira década deste século, sob o impacto de programas externos à Universidade, como o Reuni, Enem e cotas, alterou-se de forma radical o perfil da Universidade. O grande número de novos professores e a nova dimensão do quadro discente ainda não foi assimilado pela instituição em toda a sua complexidade de efeitos e desdobramentos. O crescimento do número de alunos no período noturno e de jovens pesquisadores ainda não inseridos plenamente nas estruturas acadêmicas coloca novas questões e oportunidades. Este novo contexto e suas implicações já alteraram a dinâmica e a relação de trabalho acadêmico e científico, antes mesmo de ser devidamente compreendidos e assimilados em toda sua extensão. Como elemento perturbador e de potencial transformador na instituição, o IEAT não deve furtar-se a participar desta discussão, buscando incorporar novos

atores e atualizando práticas e atitudes.

O IEAT pretende ter um componente transgressor, reinventar-se ao longo do tempo, questionar estruturas e oferecer uma perspectiva unificadora para diferentes áreas. Implodir o obsoleto, erguer pontes, construir caminhos, projetar novas estruturas, aglutinar pesquisadores, esses são os desafios para o IEAT, seus Comitês Científico e Diretor, outros membros e muitos amigos, em conjunto com a comunidade acadêmica. Se pretende evoluir e acompanhar o que se propõe de avançado, é preciso uma avaliação e autocrítica permanentes. Precisa estudar o impacto de suas iniciativas passadas e atuais, tentando detectar como elas contribuíram para provocar e consolidar projetos com potencial de mudar e aperfeiçoar a forma como a UFMG se coloca nas discussões e desenvolvimentos relevantes da atualidade.

No triênio 2015-2017, organizou-se um colóquio, com reuniões distribuídas ao longo de meses, dedicadas a temas como ingresso e acolhimento na Universidade, novas técnicas e metodologias de ensino, integração de ensino com a pesquisa, conteúdo social e extensão, cursos e bacharelados interdisciplinares, currículo, financiamento, internacionalização, entre outros. Seu conteúdo foi dinâmico, sendo cada tema estruturado em conjunto com os atores da administração e pesquisadores a eles dedicados, incluindo gestores e especialistas. Nesse espaço articularam-se as várias dimensões da Universidade, do ensino à pesquisa, passando também pela extensão e administração, discutindo as perspectivas da Universidade diante das demandas sociais e científicas do novo milênio.

É também um objetivo explícito da UFMG reforçar e incrementar sua inserção na sociedade. Os problemas

contemporâneos raramente se enquadram em uma perspectiva disciplinar. As ciências hoje, desde uma perspectiva transdisciplinar, não tratam os problemas após fatiá-los por áreas de especialidade, mas obrigam os pesquisadores a interagirem no contexto em que a questão a ser estudada se dá. Assim como Piketty aponta como entrave ao estudo das desigualdades de renda e riqueza a falta de contato entre economistas e cientistas sociais dedicados ao tema em seu *O capital no século XXI*^[2] – e Clemenceau considerava a guerra como uma coisa demasiadamente grave para ser confiada aos militares, como citado em *Soixante années d'histoire française* [Sessenta anos de história francesa], de Georges Suarez^[3] –, as questões hoje socialmente mais relevantes sabidamente não são mais tratadas de forma disciplinar. Mesmo na educação, uma tendência atual é de se evoluir para basear o aprendizado na solução de problemas, não disciplinas. Aumenta então nossa responsabilidade de tornar o conhecimento plural, as diversas disciplinas mais permeáveis, nossa atenção mais ampliada e, assim, nossa interlocução social mais efetiva.

Em 2016 foi promovido pelo IEAT um encontro focado nas atividades de mineração, principalmente em Minas Gerais. Reuniram-se na oportunidade pesquisadores e técnicos de mineração e barragens de rejeito, representantes dos principais órgãos de licenciamento e controle das atividades minerárias, incluindo o Ministério Público Federal e entidades da sociedade civil, buscando um diálogo em um momento em que o mundo foi surpreendido com a tragédia de Bento Rodrigues com o rompimento da Barragem de Fundão. Foram dois dias em que perspectivas muitas vezes complementares, mas por vezes antagônicas, foram confrontadas na busca de estabelecimento de um terreno comum para avançar com um ordenamento já defasado de gestão e exploração de recursos minerais.

Nos últimos anos verificou-se a necessidade de buscar incentivar junto aos pesquisadores da Universidade a criação de grupos de pesquisa transdisciplinares centrados em temáticas de relevância para a comunidade, congregando desde atores sociais a especialistas, no intuito de construir colaborações que, centradas em questões do mundo real, exijam uma perspectiva para além da disciplinaridade. O local privilegiado para abrigar essas iniciativas, nem sempre acolhidas nas estruturas tradicionais da academia, é o IEAT. Em função dessa percepção, foi montado um edital para abrigar inicialmente dois grupos de pesquisa a partir de 2017. Esses grupos serão hospedados pelo IEAT por dois anos e tratarão de dar suporte operacional, buscando especialistas em metodologias transdisciplinares específicas para os desafios a serem enfrentados, auxiliando a levantar recursos externos e construir uma identidade entre pesquisadores de áreas distintas, bem como a enfrentar os desafios de um trabalho que se pretende transdisciplinar. Após esse período espera-se que os grupos se consolidem e encontrem um espaço próprio para atuação.

1 **1** **6** **1** **1** **7** **2016-6**

vem crescendo de forma consistente. Em 2016 foram consultados ex-residentes e anfitriões de catedráticos sobre os desdobramentos desses projetos, com um quadro em geral bastante positivo dessas atividades. Conseguiu-se elevar a média de público nos eventos, com uma divulgação intensa dentro e fora da UFMG. Pretende-se também realizar um levantamento relativo ao tipo de público que se tem conseguido atrair, se os eventos realmente estão trazendo estudantes e professores de áreas diversas, atingindo assim o objetivo de transpor fronteiras. Seminários foram organizados em unidades fora do Campus, no Conservatório e em horários variados, inclusive à noite.

Pretendemos seguir privilegiando, dentre os projetos avançados que buscam abrigo no Instituto, aqueles com um componente de integração entre áreas. Deseja-se que a presença de um catedrático atinja um público expressivo em suas apresentações, mas também que este público não se restrinja a uma área acadêmica, que consiga instigar novas inquietações, que gere novas colaborações. A interação de visitantes com grupos além daquele do anfitrião quando de sua estadia na UFMG pode também abrir novas perspectivas de cooperação, tanto extramuros quanto internamente.

Faz-se também necessária a maior internacionalização do IEAT. Além das possibilidades abertas pelas Cátedras, três projetos nesse sentido estão sendo implementados. O primeiro, um projeto de iniciativa em parceria entre o Brazil Institute, sediado no King's College em Londres, e da UFMG, através do IEAT, de preparação de proposta de programa de doutorado conjunto com dupla titulação em Estudos Brasileiros. Outro, um projeto financiado pelo Ministério Federal de Educação e Pesquisa da Alemanha, congregando universidades daquele país e da América Latina, intitulado Centro de Estudos Latino-Americanos

Avançado. E, por fim, a preparação da candidatura do IEAT para o University Based Institutes of Advanced Studies (UBIAS), que congrega institutos avançados de todos os continentes. Esse espaço interinstitucional, formalizado em 2010, reúne 36 institutos de todos os continentes, com o propósito de criar um ambiente propício ao intercâmbio e ao desenvolvimento de estudos avançados.^[4] Essas duas iniciativas derivaram diretamente da visita de catedráticos ao IEAT.

O programa de residentes também tem o potencial de transcender o seu projeto científico específico. Em 2016, com o propósito de levar à comunidade da UFMG as diversas temáticas desenvolvidas, foi criada uma disciplina, aberta para todos os alunos de graduação e pós-graduação, cujo conteúdo é de responsabilidade dos residentes. Com abrangência diversa e sempre interdisciplinar, teve como um de seus propósitos trazer aos alunos conteúdos diferentes daqueles a que se exporiam normalmente, provocando a curiosidade e interesse em abordagens e temáticas além daquelas contidas em seus cursos.

Optou-se por abrir as já existentes reuniões mensais dos residentes àqueles que passaram anteriormente pelo programa e têm interesse em participar das discussões e contribuir com elas. Espera-se que os residentes, com o suporte do IEAT, programem atividades como eventos abertos à comunidade, de forma a trazer para a UFMG pesquisadores de relevo dentro de suas áreas de trabalho. No edital para residentes de 2017 foi introduzida uma alteração que permite que um mesmo projeto envolva mais de um candidato a residente. Com isso pesquisadores de áreas distintas poderão usar essa oportunidade para desenvolver um tema de interesse comum com o suporte do programa.

Percebe-se também uma clara predominância em seus programas de temáticas centradas nas áreas de Humanidades e Artes. Pretende-se tornar-se mais relevante para a Universidade como um todo, cumprir tratar de expandir a penetração que já consegue nestas áreas para o conjunto da instituição.

Duas novas iniciativas em início de implementação pretendem ampliar o impacto do Instituto. A primeira consiste em criar ferramentas computacionais que possibilitem identificar possibilidades de interação entre grupos de pesquisa da UFMG com base em sua produção científica e acadêmica. A partir da identificação de possíveis parceiros sem interação efetiva, se buscará juntar estas competências em reuniões em que seus trabalhos possam se tornar conhecidos e possibilidades de colaboração identificadas. Os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) sediados na UFMG vêm sendo alguns dos primeiros procurados para integrarem essa experiência e também para compartilharem com o restante da Universidade os projetos que os qualificam como de excelência, no intuito de agregarem pesquisadores com projetos que com eles se identifiquem.

Já o segundo projeto visa instalar, em cooperação com o Centro de Comunicação da Universidade, uma rede de monitores de televisão cobrindo unidades administrativas e acadêmicas, laboratórios, *campi*, residências, restaurantes e museus para divulgação dos projetos de pesquisa em andamento. O sistema deverá possibilitar o deslocamento de projetos para além de seus ambientes naturais, de maneira que, por exemplo, técnicas de identificação de linguagem desenvolvidas na Engenharia possam ser levadas até a Linguística e Fonoaudiologia. O conteúdo apresentado em cada monitor poderá ser alterado localmente, de modo a incluir interesses específicos a critério de cada usuário. Assim, por exemplo, o Campus

Montes Claros podera privilegiar em seus monitores a divulgação de um evento local e, simultaneamente, fornecer o conteúdo de divulgação para os responsáveis pelo evento a ser vinculado a toda a comunidade da UFMG para que possa ser veiculado em outros ambientes.

Um desafio que se torna cada vez mais urgente é prover o IEAT de um espaço e uma infraestrutura mais apropriados para sua missão de congregar pessoas e promover encontros. A crise econômica atual fez com que se atrasasse a construção de nova sede, já projetada há anos e em processo de construção. Uma estrutura física que possibilite encontros e aloje com conforto residentes, grupos de pesquisa e catedráticos pode propiciar um novo salto na efetividade do Instituto na integração de áreas e projetos. Simultaneamente, tem-se buscado tornar mais efetiva, inclusive com uma reformulação do Estatuto do IEAT e o recurso a ferramentas de participação a distância, a atuação do Comitê Científico na definição de rumos e proposição de atividades que tornem a ação do IEAT mais efetiva e abrangente. Aumentar o impacto de suas atividades, mantendo uma estrutura administrativa enxuta, exige um esforço coletivo e a disposição de trabalhar, mesmo que de forma crítica, com as estruturas da Universidade, encurtando espaços entre os seus diversos grupos e na procura da dissolução de barreiras que ocultam as possibilidades de crescimento já possíveis entre áreas.

O maior impacto do IEAT no contexto nacional e internacional é uma necessidade. O fluxo de pesquisadores externos deve ser seguido de uma inserção mais institucional, inclusive para potencializar futuras ações. Neste sentido deu-se em Belo Horizonte, nos dias 11 e 12 de agosto de 2015, por iniciativa do IEAT, o Terceiro Fórum Nacional de Institutos Avançados, que criou o Fórum Brasileiro de Estudos Avançados e gerou a

Carta de Belo Horizonte. Nesse documento o novo Fórum se propõe a

conceber e desenvolver iniciativas e programas visando a integração entre universidades, governo, empresas e organizações sociais, por meio da construção de redes de produção de conhecimento baseadas na inter e transdisciplinaridade e na responsabilidade pública do conhecimento.

A proposta de atuação do novo Fórum inclui aumentar a integração entre os institutos, potencializando iniciativas e fomentando a criação de institutos em outras instituições. Visualiza-se, também, a possibilidade de buscar fontes de financiamento junto a agências de fomento para as atividades do Fórum, tais como Cátedras abertas.

A UFMG dispõe de uma riqueza de conhecimentos aberta a seus alunos que muitas vezes não percebem, por desinteresse, por barreiras disciplinares ou falta de informação, a amplitude de oportunidades a seu alcance. Esse problema é ainda mais crítico nos cursos noturnos, que detêm uma lógica própria, centrada nas salas de aula de seus cursos. A flexibilização curricular, a formação transversal na graduação e a criação de disciplinas transversais são propostas de enfrentamento desse problema. Esta última ao disponibilizar o que a instituição tem de melhor a seus alunos, mobilizando professores de atuação de destaque para oferecerem, aos alunos de todos os cursos, conteúdos de ponta na ciência e tecnologia. O IEAT se dispõe a experimentar, propor e participar de iniciativas que visem tornar o profissional formado na UFMG mais preparado para uma realidade multidimensional. Desejamos também tentar viabilizar o emprego de metodologias transdisciplinares a questões sociais complexas, como o tratamento da criminalidade, o desenvolvimento econômico e social, a água, as cidades, ao aumentar a integração entre conhecimentos.

O IEAT deve também buscar contribuir na discussão de questões práticas que dificultam uma ação de cooperação entre distintas especialidades. Merecem menção os entraves ainda existentes para a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação. Apesar de muitos avanços, ainda é comum restringir o trânsito livre dos pós-graduandos pelos programas. Cursar uma disciplina isolada ou eletiva em outro programa esbarra seguidas vezes em dificuldades. Da mesma maneira, é pouco comum se dispor de disciplinas que componham simultaneamente a estrutura curricular de mais de um curso, perdendo-se assim uma oportunidade de interação entre áreas e desperdiçando recursos. Programas que envolvem pesquisadores e disciplinas contidos em mais de uma unidade se ressentem, dentro da estrutura existente nas instituições de ensino superior do país, de um caminho formal de participação e influência efetivas nas instâncias da Universidade. Em 2016, o IEAT elaborou, em conjunto com os coordenadores de programas interdisciplinares da Universidade, um documento que levanta os entraves burocráticos e de organização acadêmica que fazem a experiência de coordenar e participar de programas de pós-graduação interdisciplinares muito mais difícil que em cursos mais tradicionais. Espera-se que a discussão dessas dificuldades possa caminhar para uma reestruturação futura que flexibilize a estrutura departamental atual.

Outro ponto de desincentivo à formação e pesquisa interdisciplinar são as restrições em concursos públicos e editais de contratação de professores. Atualmente é comum exigir ou sugerir um diploma de graduação ou de pós-graduação específico para inscrição. Assim, formamos cada vez mais doutores sem limitar seus estudos a uma área específica para depois, dentro até mesmo de nossa instituição, criamos barreiras e dificuldades para que

ingressem na carreira para a qual os preparamos. Algumas outras instituições, como a Universidade Federal do ABC (UFABC), limitam os requisitos para seus concursos ao conteúdo programático, fazendo com que aquele que domine o conhecimento para o qual se destina a vaga possa se candidatar, independentemente de sua área de origem. Facilita-se assim que um arquiteto possa fazer seu doutoramento em filosofia, um engenheiro civil atue na área de saúde, um médico enverede pela biofísica ou um engenheiro aeronáutico se dedique à música, e que este possa depois ingressar na academia.

Como resultado da organização de nossos laboratórios, nota-se a deficiência de estruturas que criem uma maior sinergia entre grupos, inclusive com economia de recursos. É comum que, em uma mesma unidade, se repliquem pequenas estruturas de pesquisa equivalentes, como microscópios, computadores e *softwares*, criando gastos desnecessários e ociosidade. A criação de laboratórios multiusuários, mesmo que de média escala, é um desafio, principalmente quanto à sua gestão cotidiana dentro da lógica vigente de financiamento à pesquisa no país e da organização de nossas instituições.

O IEAT, como espaço criativo e transgressor, não pode deixar de refletir permanentemente sobre sua organização, atuação e programas. Se pretende incentivar e induzir uma ciência criativa e transformadora, deve-se evitar a qualquer custo a cristalização de atitudes, a rotina, a sua transformação em uma outra estrutura pesada e burocrática. Precisa manter sua leveza, absorver novas ideias, pessoas e grupos, gerando inquietude e aglutinando conhecimentos. Para isto é essencial uma estrutura independente, que permita amadurecer projetos e priorizar iniciativas nem sempre em consonância com a urgência do dia a dia. Com base nos seus mais de 17 anos de existência, contando com uma ágil (apesar de

reduzida) Secretaria Executiva e usufruindo de um rico acervo de experiências, precisa catalisar novas ideias, facilitar interações, ajudar a Universidade a se posicionar de forma propositiva e inovadora no contexto científico e social em que se insere.

Notas

[1] Conduzem o Instituto, juntamente com o Professor Las Casas: Daisy Moreira Cunha (Faculdade de Educação), Márcio Flávio Dutra Moraes (Instituto de Ciências Biológicas) e Fernando Antonio Mencarelli (Escola de Belas Artes), este último assumiu a gestão em 2016, após a aposentadoria de Júnia Ferreira Furtado (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Quanto ao Comitê Científico, para a gestão 2015-2018, foram nomeados os professores: Carlos Antônio Leite Brandão (Escola de Arquitetura, UFMG), Carlos Roberto Jamil Cury (PUC Minas), Eduardo Batalha Viveiros de Castro (Museu Nacional, Rio de Janeiro), Leonor Bezerra Guerra (Instituto de Ciências Biológicas, UFMG), Pedro Geraldo Pascutti (UFRJ), Norberto Garcia Cairasco (USP), Virgílio Augusto Fernandes de Almeida (Instituto de Ciências Exatas, UFMG) e a artista plástica Rivane Neuenschwander.

[2] PIKETTY, 2014.

[3] SUAREZ, 1932.

[4] <<http://www.ubias.net/>>

Referências

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SUAREZ, G. *Soixante années d'histoire française*. [S.l.]: Tallandier, 1932.

THIAGO COACCI RANGEL PEREIRA

AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS DA TRANSDISCIPLINARIDADE NA UFMG ATRAVÉS DO OLHAR DISCENTE

No início de março, recebi um e-mail do IEAT convidando-me para participar do Seminário IEAT 2015. Não posso dizer que o convite foi uma total surpresa, pois, em meados de janeiro, circulou na lista de e-mails dos representantes da pós-graduação da UFMG uma mensagem informando que o Instituto desejava a participação de um estudante na mesa desse evento. O autor do e-mail, Rafael Polidoro – que naquele momento ocupava o cargo de representante discente do Programa de Pós-Graduação em Bioquímica e Imunologia –, perguntava se alguém já teria participado de eventos do IEAT ou se trabalhava com pesquisas transdisciplinares. Algumas pessoas responderam demonstrando interesse pelo evento, mas por razões diversas não poderiam participar da mesa.

Eu já havia participado de alguns eventos do IEAT no passado, mas não era (e ainda não sou) um profundo conhecedor do Instituto e de suas atividades. Lembrava vagamente de ter participado, em 2011, de uma palestra interessantíssima sobre regulação internacional de novas

tecnologias, ministrada por uma professora indiana que alegremente alertou todos presentes que o programa utilizado para fazer suas apresentações, com efeitos de movimento das palavras, poderia causar náuseas nas pessoas mais sensíveis. Aprendi bastante aquele dia, dentre outras coisas, que sou uma dessas pessoas sensíveis e que ficam enjoadas com aquele *software*. Lembrei-me também de ter ido a um evento organizado pelo professor Ivan Domingues, em que um de seus orientandos discutia Deleuze e de algumas outras atividades do ciclo Universidade do Futuro.

Se eu não era um grande conhecedor do IEAT, a minha trajetória acadêmica me colocava como um candidato em potencial para participar do evento. Minha formação original foi no Direito, mas, desde a graduação, me sentia incomodado com a pesquisa na área. Eu desejava fazer algo diferente, desejava fazer pesquisas empíricas, mas não via meus professores e autores de referência trabalhando dessa maneira. Foi nas Ciências Sociais que encontrei um campo fértil de pesquisa empírica em Direito e busquei realizar meu mestrado e o doutorado na Ciência Política para realizar esse tipo de pesquisa.^[1] Além disso, minha curiosidade, desde a graduação, estava voltada para os temas que envolviam os gêneros e as sexualidades, e esses interesses me colocaram imediatamente em contato com os estudos feministas e *queer*, um campo altamente interdisciplinar, quiçá indisciplinar ou indisciplinado, como diz Miskolci.^[2]

Respondi, então, que, na falta de uma pessoa mais próxima do IEAT, eu estava disponível, mas que desejava mais informações para saber se me adequava realmente aos interesses do evento. Esperamos algum tempo e Rafael voltou a me questionar se eu poderia ir ao evento. No final de janeiro, finalmente aceitei, relutantemente, minha indicação. Fevereiro passou sem que eu me

lembrasse desse compromisso, até que no início de março, chegasse na minha caixa de entrada um convite oficial para participar do evento. Inseguro sobre minha participação, respondi que aceitava, mas que, se possível, gostaria de manter uma breve conversa para entender melhor o meu papel ali. Poucos dias depois, fui até a sala do IEAT e me encontrei com o professor Estevam, que me explicou que eu deveria primeiramente participar do evento e compor a mesa “Perspectivas e futuros projetos do IEAT”. O objetivo da mesa era ambicioso e amedrontador para mim: sistematizar as propostas que surgiriam no evento, fazer um balanço crítico da história do IEAT e apontar alguns caminhos para o Instituto e para a transdisciplinaridade na UFMG. No meu caso específico, coube trazer a reflexão sobre como melhorar a relação do IEAT com os(as) alunos(as).

Repetirei esse esforço aqui neste ensaio. Dessa maneira, tentarei refletir a partir da minha experiência pessoal de estudante da UFMG, de uma trajetória acadêmica que nunca soube respeitar bem as fronteiras disciplinares e da minha participação no evento, sobre o IEAT, a transdisciplinaridade e alguns desafios que vejo para que as alunas e alunos se aproximem mais tanto do Instituto quanto de abordagens transdisciplinares.

“Nossa, que legal que existe algo assim na UFMG, eu não conhecia”

Após a breve conversa com o professor Estevam e entendido meu papel no evento, busquei alguns subsídios para minha fala. Sentia-me incomodado com esse papel de “representar” os estudantes sem jamais haver participado de um espaço em que as e os estudantes se dispusessem a pensar o papel da transdisciplinaridade e do IEAT na UFMG. De forma nada sistemática, postei em

diversos grupos de e-mail e do Facebook de estudantes da UFMG algumas mensagens que informavam sobre minha participação na mesa e solicitava que as pessoas respondessem: a) se já haviam participado de algum evento do IEAT, no caso positivo que me contassem um pouco dessa experiência; b) se a grade curricular de seu curso é aberta para a transdisciplinaridade; c) se as(os) professoras(es) de seu curso falavam sobre transdisciplinaridade em sala de aula e se havia algum estímulo para o desenvolvimento de estudos transdisciplinares. Busquei inserir nas minhas conversas com amigas da Universidade e colegas do programa de pós-graduação as mesmas perguntas que fiz pela internet. Entrei ainda em contato com integrantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e das chapas que na época concorriam ao processo de formação da Associação de Pós-Graduação da UFMG para verificar se havia, nessas entidades, alguma reflexão sobre a transdisciplinaridade na Universidade e o papel do IEAT na UFMG.

Recebi diversas respostas que, por não se tratar de uma pesquisa formal, jamais foram tabuladas e submetidas a uma análise rigorosa, tenho consciência que o resultado obtido não é cientificamente confiável e é absolutamente enviesado, principalmente por indicar uma presença muito maior de interlocutores de cursos de humanas. Todavia, das mais de 50 pessoas que se dispuseram a me responder na internet ou conversar comigo pessoalmente, de diversos cursos de graduação e pós-graduação, pouquíssimas conheciam o IEAT. A resposta padrão que recebi foi: “nossa, que legal que existe algo assim na UFMG, eu não conhecia”. Outras pessoas afirmavam conhecer e, assim como eu, já haviam participado de alguns eventos organizados pelo IEAT, mas não possuíam informações mais detalhadas. Não sabiam direito qual o papel do IEAT na UFMG. É mais um núcleo de estudos ou, por se tratar de um instituto, o IEAT possuiria alguma

... e, por esse motivo, o IEAT possui uma função diferente?

A partir desses meus contatos informais, a minha primeira conclusão foi: o IEAT é importante, existe interesse da comunidade discente no Instituto e em suas atividades, mas a divulgação precisa melhorar, pois ainda é pouco conhecido. Se o IEAT deseja aproximar-se das(os) estudantes, o caminho é fazer com que seja conhecido. Arrisco dizer que divulgar os eventos é diferente de divulgar o Instituto, tenho a impressão que alguns eventos do IEAT chegam a ser bem divulgados para o corpo discente e isso é um bom primeiro passo. A aproximação efetiva, porém, requer mais do que a informação sobre os eventos realizados, requer o conhecimento do Instituto, que organiza o evento, e de suas atividades de forma ampla para que o alunado possa demandá-lo quando for de seu interesse.

E os núcleos de pesquisa,^[3] como ficam?

As pessoas que se interessavam pelo Instituto me faziam perguntas sobre quando eram as reuniões e se havia processo seletivo de bolsas de iniciação científica aberto. Em síntese, queriam saber como poderiam participar do IEAT.

Durante minha participação no evento, presenciei um debate: o IEAT deveria manter ou retirar de sua estrutura núcleos de pesquisa? Houve quem argumentou que o foco deveria ser nos programas de residência e outras atividades, deixando os núcleos de lado. De um outro ponto de vista, houve quem defendeu que o IEAT poderia servir como uma incubadora, acolhendo núcleos de estudos transdisciplinares que por diversas razões ainda não estão muito bem-estruturados, auxiliando-os a se

fortalecerem. Percebi ainda, a partir das falas de integrantes e de alguns dos ex-diretores do Instituto, o desejo comum de reforçar a atuação na pesquisa e extensão. Essas perguntas do corpo discente e o debate no evento guiaram a minha segunda reflexão e recomendação ao IEAT: foquem nos núcleos de pesquisa.

Posiciono-me ao lado daquelas pessoas que acreditam que é fundamental que o IEAT se articule com os núcleos de pesquisa. Acolher institucionalmente alguns núcleos dentro de sua estrutura é importante, mas é apenas uma das formas de articulação. O IEAT deve atuar fomentando a criação de novos núcleos e a abertura de editais de pesquisa e extensão que trabalhem com estudos transdisciplinares dentro da UFMG.

O IEAT, atualmente, não é e provavelmente jamais será dotado de uma estrutura adequada para abarcar diretamente um grande número de estudantes. O contato mais cotidiano do corpo estudantil com o Instituto e com os estudos transdisciplinares pode ser realizado por meio dos diversos núcleos, que possuem capacidade de receber mais os(as) alunos(as). Os núcleos de estudos são uma estrutura fundamental da Universidade, onde grande parte do conhecimento é produzido. Tais núcleos oferecem estrutura para que alunos possam realizar suas pesquisas, seja de iniciação científica, seja de pós-graduação. A inserção em um núcleo faz parte da vida acadêmica de boa parte do corpo discente, que ao longo de seu curso, participa, pelo menos, de um projeto de extensão ou pesquisa. São os núcleos de estudos, em parceria com o IEAT, que podem fazer com que o Instituto consiga mais fortemente ser uma presença não apenas na pesquisa como na extensão universitária, e por meio disso, atingir, mesmo que indiretamente, o corpo discente.

Contrate um pós-graduando

- -

Especialmente para a pós-graduação, vislumbro a possibilidade de uma outra forma de aproximação. Não há entre as diversas disciplinas e programas da Universidade uma unidade na forma como a transdisciplinaridade é tratada. Algumas disciplinas e programas ainda são muito resistentes e buscam estabilizar-se como um campo autônomo do saber. É possível – e é sabido por meio de relatos de colegas, que em alguns desses programas pesquisas transdisciplinares sejam preteridas em detrimento de pesquisas que se “encaixam melhor na disciplina”.

Sugiro a criação de um programa de residência para pós-graduandos(as) que possuam pesquisas transdisciplinares e avançadas. Assim como o IEAT recebe professores da casa para serem residentes, acredito ser importante receber pós-graduandos. Vivemos em uma época de escassez de bolsas em diversos programas, o Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAN), por exemplo, anunciou recentemente que não haverá bolsas para a entrada de 2016. Mesmo os programas avaliados com nota 7 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que em tese recebem uma verba maior do que o PPGAN avaliado com nota 4, passam por um período de dificuldades. Acredito que o IEAT poderia, por exemplo, oferecer duas ou três bolsas para doutorandos(as) que não possuam bolsas de nenhuma outra agência ou que concordariam de abrir mão de sua bolsa. Como contrapartida, o IEAT poderia exigir que esses pós-graduandos(as) participassem das atividades do Instituto que ofereçam *workshops* sobre suas pesquisas para graduandos e que apresentem seus trabalhos em algumas sessões públicas de debates. Essa é uma forma de fomentar a transdisciplinaridade em nível de pós-graduação, incentivando que discentes submetam e que os programas aceitem projetos transdisciplinares. O

contato dos(as) pós-graduandos(as) com os(as) residentes e outras pessoas que realizam pesquisas transdisciplinares seria de grande valia para avançar na pesquisa de pós-graduação com maior rigor. Nesse formato proposto, os *workshops* serviriam ainda para divulgar as pesquisas transdisciplinares para a graduação.

O papel das regras e avaliações

Ofereci três sugestões práticas sobre como o IEAT pode aproximar-se mais dos(as) estudantes e levar a transdisciplinaridade para a graduação e pós-graduação da UFMG. Vou agora arriscar a propor uma quarta ação com impactos menos imediatos, mas que acredito ser urgente e ter um impacto crucial para as pesquisas avançadas e transdisciplinares.

Como advogado e cientista político, sou obrigado a reconhecer que regras importam e que mais do que organizar a Universidade e a ciência no Brasil, elas também servem para fomentar determinado tipo de conhecimento em detrimento de outros.^[4] Dessa maneira, acredito que o IEAT deve tomar como tarefa prioritária a realização de uma análise criteriosa das regras e procedimentos internos e externos à UFMG, perguntando-se: de que maneira as diversas regras que organizam as universidades, os cursos de graduação e pós-graduação, os processos seletivos de discentes e docentes, os processos de avaliação dos cursos, programas (nota CAPES) e periódicos (*Qualis*) e as regras de financiamento das agências de fomento podem induzir ou desencorajar a transdisciplinaridade?

Se me recordo bem, o professor José Vicente Tavares dos Santos e o próprio professor Estevam Barbosa de Las Casas, em suas falas durante o Seminário IEAT 2015, começaram a apresentar regras, sentindo-se enfatizar a

começaram a apontar nesse sentido ao enfatizar a necessidade de flexibilizar a contratação de professores. De fato, a exigência de graduação, mestrado e doutorado numa mesma área é um empecilho para a transdisciplinaridade e impulsiona a judicialização dos concursos, buscando a garantia da vaga por pessoas que não se encaixam exatamente no perfil exigido no edital, mas que acreditam ser capazes de cumprir com o cargo.

Os critérios de avaliação dos periódicos são um segundo exemplo que merece ser bem explorado. O *Qualis* é considerado pela CAPES como “um conjunto de procedimentos estabelecidos por cada área de avaliação para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação”.^[5] O sistema classifica os periódicos entre os estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, em que A1 indica maior relevância do periódico para a área e C a menor relevância. Um mesmo periódico pode obter diversas classificações simultâneas, sendo, por exemplo, A1 em História e B3 em Sociologia, pode ainda não ser classificado em determinada área. Isso ocorre, pois a classificação é feita a partir da indicação do periódico por algum programa de pós-graduação avaliado naquela área.

Tendo em vista a importância do sistema *Qualis*, atualmente uma série de pesquisas que avaliam o impacto do sistema para determinada área, para a prática da pesquisa em geral ou para os próprios periódicos avaliados estão em desenvolvimento. Fernando Leite e Adriano Codato (2013) investigaram a forma como o sistema *Qualis* está afetando a Ciência Política brasileira e argumentaram que:

dado que os periódicos hoje dependem cada vez mais do *Qualis* para sobreviver no campo acadêmico – assim como os produtores dependem cada vez mais de publicações nos periódicos mais bem avaliados

para sobreviverem com sucesso no campo acadêmico – decorre que o *Qualis* é o fator mais relevante, isto é, eficaz, na determinação da hierarquia da produção acadêmica, sendo capaz de promover certos posicionamentos teórico-metodológicos em prejuízo de outros. Quanto mais frequente um tipo de abordagem em periódicos mais bem avaliados, mais a chance dela se tornar dominante e deslocar para segundo plano suas concorrentes. É o que parece estar acontecendo com as abordagens que identificam o objeto da Ciência Política com a política institucional e com a necessidade de tratar a política institucional em seus próprios termos, isto é, como um universo relativamente autônomo diante dos determinantes sociais, culturais, econômicos etc. [6]

O *Qualis*, como argumentaram Leite e Codato, [7] está servindo para “purificar” a Ciência Política numa ciência autônoma, livrando-a de abordagens sobre a política de abordagens que não focam na política institucionalizada, de abordagens “societais” e “culturalistas”. Especialmente as abordagens inter e transdisciplinares estão sendo desvalorizadas na área.

É possível perguntar-se se esse efeito *Qualis* é algo restrito a Ciência Política. Outras pesquisas, como a desenvolvida por Frigeri e Monteiro, [8] apontam que não. Argumentam, em um sentido similar a Leite e Codato, que o sistema *Qualis* não funciona apenas como um indexador de periódicos, mas “como uma política ativa capaz de influenciar o rumo das pesquisas científicas”. [9] As entrevistas e o estudo etnográfico com editores de periódicos da área da educação demonstraram que esses já incorporaram os critérios do *Qualis* em sua rotina, orientando qual tipo de conhecimento chega a ser efetivamente publicado. Argumentam ainda que o sistema *Qualis* é utilizado como critério para agências financiadoras concederem verba para determinados periódicos. Assim, periódicos nos estratos inferiores ao R2

periódicos. Assim, periódicos nos estados menores do BZ não ganhariam verbas do CNPQ, por exemplo. Podemos inferir, então, que o *Qualis* afeta todas as áreas, mas os efeitos podem não ser os mesmos, uma vez que cada área tem uma relativa independência na avaliação dos periódicos.

Exemplifiquei anteriormente como algumas regras e mecanismos do *Qualis* têm influenciado diretamente no tipo de conhecimento que é produzido, ensinado e publicado. Diversas outras regras e mecanismos, como a avaliação dos programas de pós-graduação realizada pela CAPES, as regras dos editais de financiamento, dos editais de contratação de professores e diversas outras também podem possuir influência similar. Não se trata aqui de um manifesto contra as avaliações e os editais, mas de um apelo à reflexão sobre seus possíveis efeitos. Tais mecanismos e suas regras podem servir não apenas para afastar a transdisciplinaridade, como também para homogeneizar uma área, como está ocorrendo com a Ciência Política. Esse efeito é empobrecedor para a Ciência.^[10] Isso afeta os professores, mas afeta também os(as) estudantes, afeta quais serão os temas abordados em nossas aulas, quais serão as pesquisas que serão bem avaliadas nos processos de seleção, quais os(as) nossos(as) colegas serão anunciados(as) como o “futuro” da disciplina e quais serão rotulados(as) como “erro de banca”.

Se o IEAT tem a preocupação efetiva de que a transdisciplinaridade tenha espaço na UFMG e nas universidades brasileiras, uma pesquisa para avaliar as regras que organizam e orientam nosso fazer acadêmico é crucial. Uma vez identificado se e quais regras e procedimentos desencorajam a transdisciplinaridade, tal pesquisa poderia orientar uma reforma nas regras e procedimentos de forma a mudar o sentido do vetor, valorizando a transdisciplinaridade na pesquisa na

valorizando a transdisciplinaridade no ensino, na pesquisa e na extensão.

Notas

[1] Esse meu incômodo e diagnóstico sobre a pesquisa em Direito é compartilhado por Diogo Coutinho (COUTINHO; FERRAZ; CUNHA, 2013). Ao oferecer um diagnóstico que, o autor alerta, é fruto de sua experiência profissional e não de uma pesquisa empírica como deveria ser sobre o estado da pesquisa em Direito, Coutinho afirma que a pesquisa ocupa um lugar secundário e desprestigiado na formação jurídica no Brasil, que é voltada primordialmente para uma formação profissional. As pesquisas mais comuns no Direito seriam, segundo o autor, as filosóficas e doutrinárias, as outras formas de pesquisa, mais empíricas e sendo fortemente influenciadas por metodologias das Ciências Sociais existiriam com uma frequência muito menor. O autor, no entanto, percebe que há uma mudança em operação e que mais pesquisas empíricas em Direito estão sendo feitas por diversas instituições, inclusive dentro de faculdades de Direito. Na UFMG, a criação do Observatório do Judiciário, coordenado pelo professor Leonardo Avritzer do Departamento de Ciência Política é uma das várias iniciativas que auxiliam nesse crescimento recente das pesquisas empíricas em Direito.

[2] MISKOLCI, 2014, p. 13-30.

[3] Por “núcleos de pesquisa” quero abranger uma variedade de organizações institucionais – mais ou menos formalizadas – que promovem a pesquisa, o ensino e a extensão dentro da universidade e que se organizam sob diversas rubricas, como grupos, núcleos, laboratórios, centros de pesquisa etc.

[4] Um dos pressupostos teóricos básicos da Ciência Política é de que as instituições e as normas que as criam

lógica e de que as instituições e as normas que as criam e organizam afetam o comportamento dos agentes. Tal insight é compartilhado por diferentes perspectivas teóricas que influenciam a disciplina, como as teorias da escolha racional e as de origens Foucaultianas, mas a forma como cada uma dessas abordagens interpreta e operacionaliza essa noção compartilhada diverge sobremaneira. Assim, muitos estudos do campo são focados em como determinada norma constrange ou possibilita determinado comportamento. Apenas para exemplificar tal abordagem e sua popularidade na Ciência Política, do volume publicado no segundo semestre de 2015 da *Brazilian Political Science Review*, dois dos quatro artigos fazem menções explícitas a normas e seu papel no próprio título. São os trabalhos de Rabitz (RABITZ, 2015, p. 30-53), sobre a influência do protocolo de Nagoya na biopirataria, e Bernabel (BERNABEL, 2015, p. 81-108), sobre o impacto das regras eleitorais na polarização política do sistema político brasileiro.

[5] PHILIPPI JR., 2015.

[6] LEITE; CODATO, 2013, p. 14-15, grifos nossos.

[7] LEITE; CODATO, 2013, p. 14-15.

[8] FRIGERI; MONTEIRO, 2014, p. 299-315.

[9] FRIGERI; MONTEIRO, 2014, p. 311.

[10] Os próprios Leite e Codato (2014) encerram seu artigo perguntando-se se seria mesmo desejável, segundo critérios científicos, que a Ciência Política afaste abordagens plurais e mistas sobre o fenômeno político.

Referências

BERNABEL, R. Does the electoral rule matter for political polarization? The case of Brazilian Legislative Chambers. *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 81-108, Aug. 2015.

COUTINHO, D.; FERRAZ, O.; CUNHA, L. G. Inovação dos métodos de pesquisa em direito e a renovação da produção científica. In: CUNHA, A. S.; SILVA, P. E. A. (Org.). *Pesquisa empírica em direito*. Rio de Janeiro: Ipea, 2013.

FRIGERI, M.; MONTEIRO, M. Qualis Periódicos: indicador da política científica no Brasil? *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v. 19, n. 37, p. 299-315, jul.-dez. 2014.

LEITE, F.; CODATO, A. Autonomização e institucionalização da ciência política brasileira: o papel do sistema Qualis-Capes. *Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR*, São Carlos, v. 1, n. 1, 2013.

MISKOLCI, R. Queering the geopolitics of knowledge. In: LEWIS, S. E.; BORBA, R.; FABRÍCIO, B.; PINTO, D. (Org.). *South-North dialogues on queer epistemologies, embodiments and activisms*. Bern: Peter Lang, 2014. v. 4.

PHILIPPI JR. A. Ofício Circular nº 23/2015 - DAV/CAPES. Esclarecimentos referentes à atualização do Qualis Periódicos 2013 e 2014. Brasília: CAPES/Ministério da Educação, 5 out. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/t25rkt>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

RABITZ, F. Biopiracy after the Nagoya Protocol: problem structure, regime design and implementation challenges. *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 30-53, Aug. 2015.

ARETUSA DUARTE

O IEAT: UM INSTRUMENTO DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NA UFMG

Apresentação

Em 24 de junho de 2017, o IEAT completou 18 anos de existência e ao longo de sua trajetória muitas conferências, palestras, seminários e outras atividades de cunho acadêmico foram realizadas no âmbito da UFMG. Sua perduração no tempo é um indício da relevância do trabalho que o Instituto desenvolve na Universidade. Entretanto, como parte da equipe técnico-administrativa do IEAT desde 2008, percebo que o Instituto ainda é um desconhecido para a comunidade acadêmica e que o reconhecimento da relevância de seu trabalho fica circunscrito às pessoas que participam de seus programas. Motivada por essa constatação, realizei uma pesquisa que resultou na dissertação de mestrado intitulada *O Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares e sua contribuição ao desenvolvimento da UFMG*,^[1] defendida em junho de 2016. Neste artigo apresento uma síntese da minha pesquisa perpassando o histórico do IEAT, desde sua criação aos dias atuais, e a conclusão da pesquisa com base nos relatos recebidos da comunidade acadêmica. O intuito é deixar registrada a história do Instituto e destacá-lo como

um importante instrumento de indução da pesquisa dentro da UFMG.

O IEAT desde a criação aos dias atuais

O IEAT, que teve como proposta inicial de nome “Instituto de Investigações Avançadas Interdisciplinares”, a princípio foi idealizado para ser um centro que permitisse à comunidade docente da UFMG encontrar formas de trabalho interdisciplinar e, simultaneamente, viabilizar a discussão de teorias avançadas ou de temáticas sobre determinada área do conhecimento. ^[2] A ideia surgiu das discussões de um grupo de pesquisadores que vislumbraram a necessidade de se instalar na UFMG um lugar que abrigasse atividades com características de excelência e avançadas, com o potencial de disseminar novos conhecimentos e de inovar o estado do saber, a exemplo do que já ocorria na Universidade de São Paulo (USP), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e também na Inglaterra, Europa e Estados Unidos. ^[3]

As atividades preliminares de criação do IEAT tiveram início em 1998, quando o então reitor Francisco César de Sá Barreto instituiu uma comissão para realizar estudos para a implantação de um instituto de estudos avançados na UFMG. A comissão era composta pelos professores Paulo Sérgio Lacerda Beirão, como presidente, Alfredo Gontijo de Oliveira, Ivan Domingues, Heitor Capuzzo Filho e Evando Mirra de Paula e Silva.

Depois de meses de reuniões de trabalho e deliberações, a referida comissão elaborou um documento, denominado “Proposta de criação do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT)”, e o apresentou ao Conselho de

ensino, pesquisa e extensão (CEPE). A proposta fundamentava a criação do IEAT esclarecendo os objetivos para os quais o Instituto estava sendo criado, apresentando suas justificativas, estrutura, planejamento de atividades e estratégias de atuação. O CEPE foi favorável à aprovação do documento e, assim, o IEAT foi criado em caráter experimental por um período de dois anos.

Aqueles que então compunham a comissão para estudos, com exceção do professor Evando Mirra, foram designados pelo reitor Sá Barreto para integrar o primeiro Comitê Diretor do IEAT, sendo o professor Beirão, à época pró-reitor de Pesquisa da UFMG, nomeado diretor-presidente. O Comitê Diretor, tanto naquela época quanto nos dias atuais, tem como atribuição básica tomar as decisões de caráter executivo, viabilizando a implantação dos projetos apresentados ao Instituto.

Nesta primeira fase, chamada de *Período de Incubação*, “o IEAT concentrou-se nas questões conceituais, amadurecendo as ideias, discutindo seu formato, delineando suas linhas de atuação e definindo sua missão acadêmica”.^[4] Houve empenho por parte da diretoria em legitimar a natureza *trans* do Instituto e divulgá-lo no seio da comunidade acadêmica. Com esse propósito, foram realizadas visitas a praticamente todas as unidades acadêmicas da UFMG, onde o IEAT era apresentado como o lugar para o abrigo de pesquisas inovadoras que não encontravam espaço nos departamentos e unidades ou nas agências de fomento. Como forma de acolher as primeiras demandas da comunidade acadêmica, foram criados inicialmente três programas: Grupos de Pesquisa IEAT, Encontros Transdisciplinares e Visitas Internacionais.

O Programa Grupos de Pesquisa foi criado para acolher

grupos de pesquisadores internos e externos a UFMG que participem de projetos e atividades comuns e afins aos objetivos do Instituto. Uma vez abrigado pelo IEAT, o Grupo de Pesquisa recebe a chancela do Instituto para a busca de financiamento em agências de fomento e apoio para realização de eventos institucionais.

Os Grupos de Pesquisa induzidos são definidos como aqueles constituídos em torno de temas, demandas e projetos originados do IEAT e os credenciados são aqueles externos ao Instituto, mas que demonstram interesse em serem abrigados por ele.

O programa funciona em regime de fluxo contínuo e os projetos podem ser apresentados a qualquer tempo. Os grupos precisam ser aprovados pelo Comitê Diretor e deverão ser formados por pesquisadores, em sua maioria da UFMG, com a opção de participação de colaboradores, professores ou pesquisadores externos.

As atividades dos grupos de pesquisa deverão ser previstas para um ano, podendo ser prorrogadas mediante relatório, proposta de trabalho e anuência dos departamentos ou estruturas administrativas equivalentes de origem dos pesquisadores e aprovação do Comitê Diretor do IEAT. Ressalta-se que não é concedida qualquer espécie de bolsa ou remuneração aos pesquisadores vinculados a esses grupos.

O Programa Visitas Internacionais realiza palestras, seminários, oficinas e *workshops*, sempre abertos ao público, em que pesquisadores renomados internacionalmente discorrem sobre temas relevantes, atuais e de caráter avançado e transdisciplinar. Os visitantes tanto podem ser convidados pelo próprio Comitê Diretor do IEAT quanto podem ser indicados por docentes ou grupos de pesquisa da UFMG.

O Programa Encontros Transdisciplinares do IEAT, ou simplesmente Encontros Trans, constitui-se de ciclos de conferências, palestras, mesas-redondas e debates promovidos pelo Instituto. Os temas dos encontros giram em torno de questões de caráter avançado e/ou transdisciplinar desenvolvidas por pesquisadores, cientistas, intelectuais e artistas, vinculados ou não à UFMG.

Abertos ao público em geral e realizados em diferentes órgãos e unidades da Universidade, esses eventos buscam promover o contato entre os diversos campos do conhecimento, áreas de atuação e disciplinas formalmente abrigadas pela instituição universitária (baixa transdisciplinaridade), bem como entre os campos, áreas, disciplinas e o conhecimento gerado fora dos muros da academia (forte transdisciplinaridade).

Realizados desde 2001, os Encontros Trans têm vários objetivos, entre os quais: divulgar o IEAT e a cultura transdisciplinar em toda a UFMG e permitir o acesso da comunidade em geral a questões relevantes e à universalidade do conhecimento – o qual não é imediatamente disponibilizado nos nichos das disciplinas e conhecimento especializado.^[5]

Em 14 de setembro de 2000, o Professor Ivan Domingues assume a direção do Instituto e na mesma data é empossado o primeiro Comitê Científico, com a atribuição de realizar julgamento de mérito dos projetos apresentados ao IEAT, além de opinar sobre questões acadêmico-científicas. Integravam o Comitê Científico: Evando Mirra de Paula e Silva, Carlos Ribeiro Diniz, Clélio Campolina Diniz, Carlos Antônio Leite Brandão, José Murilo de Carvalho, Maria Luíza Ramos, Alaor Silvério Chaves, Guilherme Emrich e José Ephim Mindlin. A sessão solene contou com a presença dos reitores

Francisco César de Sá Barreto (gestão 1998-2002) e Ana Lúcia Almeida Gazzola (gestão 2002-2006), como registrado na Figura 1:



Cerimônia de posse do Comitê Científico e novo diretor-presidente do IEAT, Ivan Domingues, setembro de 2000.

Foto: Foca Lisboa/UFMG.

Ainda no ano 2000, o IEAT entra em sua segunda fase, ou *Período de Implementação*. É nesse período que as atividades do Instituto começam a se concretizar: o “Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Republicanismo” é selecionado para receber apoio do IEAT e estudiosos de renome são convidados a realizarem seminários e conferências na UFMG, como, por exemplo, o biólogo chileno Humberto Maturana. Mensalmente eram promovidos os *Encontros Transdisciplinares*, planejados a partir de temas com veio transdisciplinar sugeridos pelos próprios docentes da UFMG. Também foram realizados alguns seminários sobre metodologias transdisciplinares, com o intuito de discutir a pertinência da ideia de uma metodologia transdisciplinar com interface em várias disciplinas. O balizador decisivo das atividades do IEAT nessa fase de implementação foi o de induzir, por meio das atividades promovidas, a cultura transdisciplinar na UFMG. Para tanto, a diversidade de programações visavam envolver o máximo de áreas de conhecimento possíveis.

Nessa fase também foi elaborado pelo Professor Beirão um projeto para criação de uma das atividades de maior relevância para o IEAT: o Programa Cátedras FUNDEP. O projeto foi aprovado em setembro de 2000 pelo Conselho Curador da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP), que destinou um milhão de reais em forma de *endowment* para fazer face às despesas com a operacionalização do Programa. As Cátedras visam favorecer o intercâmbio, em diferentes segmentos da pesquisa, entre seus titulares (pesquisadores de renome no cenário mundial) e grupos de pesquisadores da UFMG. Sua particularidade, dentro da proposta do IEAT, é aliar temas considerados de ponta, em âmbito internacional, a abordagens inovadoras com potencial transdisciplinar. Pela dinâmica do programa, um docente ou grupo de pesquisa da UFMG apresenta ao IEAT um projeto de pesquisa, de natureza avançada e transdisciplinar, desenvolvido por algum pesquisador de reconhecida senioridade, comprovada através de *curriculum vitae*. A indicação é submetida à análise dos comitês Diretor e Científico e, caso seja aprovada, o catedrático permanece na UFMG por um período que varia de 10 a 60 dias. Durante a estadia, o catedrático interage com seu anfitrião – aquele que o indicou –, com outros pesquisadores e com a comunidade acadêmica em geral por meio de conferências, colóquios, palestras, simpósios, seminários, *workshops* ou minicursos ofertados nas unidades acadêmicas. Graças a essa importante conquista, até hoje, renomados pesquisadores são recebidos na Universidade e, por meio do programa, deixam relevantes contribuições.

Já em 2001, entusiasmados com o andamento dos Programas do IEAT, o Comitê Diretor apresentou ao CEPE um histórico do Instituto relatando sua natureza, linhas de atuação, estrutura organizacional e atividades programadas, além de um “Anteprojeto de Resolução”, no

qual foi solicitada a ampliação do período experimental. Baseados no relato e no anteprojeto apresentado, o plenário aprovou por unanimidade a Resolução nº 4 de 24 de maio de 2001, estendendo o período de experiência do IEAT até 24 de maio de 2003. Esse período foi novamente prorrogado até agosto de 2003 pela então reitora Ana Lúcia Almeida Gazzola, *ad referendum* do CEPE. Ainda nessa fase alguns desdobramentos das atividades já começavam a despontar: o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Republicanismo consegue um auxílio financeiro do CNPq através do IEAT e a partir daí os membros do grupo publicam vários artigos, participam de seminários, ministram minicursos e ofertam disciplinas. Os trabalhos culminam com a publicação do livro *Decantando a república: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira*.^[6] Também foram publicados o artigo “Transdisciplinaridade: descondicionando o olhar sobre o conhecimento – A criação do Instituto de Estudos Avançados da UFMG, as pesquisas transdisciplinares e os novos paradigmas”,^[7] que fundamentou o projeto de criação do Instituto e o primeiro livro do IEAT: *Conhecimento e transdisciplinaridade*, cujo organizador foi o Professor Ivan Domingues.

Ainda em 2002, o IEAT consegue aprovação para criação de mais uma cátedra: a Cátedra Ford. Elaborado pelo Professor Ivan Domingues, o novo projeto propunha o desenvolvimento de uma cátedra específica para estudos sobre criminalidade, violência e políticas públicas, baseados na justificativa de que a criminologia é uma disciplina cuja compreensão exige uma ampla gama de conexões entre diferentes ramos do conhecimento.^[8] Uma vez aprovado, o projeto recebeu uma doação da Fundação Ford no valor de cem mil dólares para uma vigência de cinco anos. Naquele período, pesquisadores da University of Michigan, da University of Texas, da University College

London, da Université de Lille e da University of Bradford desenvolveram, juntamente com o Centro de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da UFMG, várias pesquisas e projetos sobre políticas públicas na prevenção e redução da criminalidade.

Ao longo do ano de 2003 e início de 2004, as atividades do IEAT ganharam mais força e expressão. Mais um grupo de pesquisa foi aprovado para receber apoio do Instituto: “Literatura, Rede e Saber Contemporâneo”. O grupo ofertou disciplinas na Faculdade de Letras e na Faculdade de Medicina, concomitantemente. Na época a coordenação declarou que, com a oferta de disciplinas transdisciplinares e a realização de debates temáticos, o grupo poderia contribuir para que a Universidade trabalhasse “no sentido de religar certos aspectos dos saberes que a extrema especialização separou”.^[9] Além das disciplinas, o grupo promoveu seminários de grande representatividade, um deles contou com a participação do filósofo francês Michel Serres e culminou com a publicação do livro *A grande narrativa de Michel Serres*, organizado por Maria Antonieta Pereira.

Posteriormente, entre os membros do Comitê Diretor, surge a ideia de nortear as atividades do Instituto em torno de ciclos temáticos e o primeiro tema escolhido foi “Cidades”, depois vieram: “Arte e Ciência”, “Cidadania Cultural e Científica no Século XXI” e “Amazônia: Passado, Presente, Futuro”. Essas iniciativas foram tão profícuas que resultaram em várias palestras dentro do Programa Encontros Transdisciplinares e em ofertas de cursos e disciplinas, como a Atividade de Ensino Transdisciplinar, curso de 30 horas ofertado pelo IEAT entre novembro e dezembro de 2003, sobre a temática “Cidades”.

Em matéria de publicações o IEAT também teve muitos

avanços: o livro *Conhecimento e transdisciplinaridade* foi reeditado, paralelamente o *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos* foi encaminhado para edição e o livro *Cidades das cidades*, do professor Carlos Antônio Leite Brandão, fruto dos ciclos temáticos e da oferta da Atividade de Ensino Transdisciplinar, começou a ser preparado.

Enquanto o período de experiência era prorrogado, o Comitê Diretor envidava esforços para a institucionalização do Instituto, cuidando tanto de seu futuro acadêmico-científico quanto de seu futuro político-institucional. Várias reuniões internas foram realizadas para discutir o assunto. Houve também discussões com as Câmaras Setoriais do CEPE, com o Comitê Científico, com o reitorado e com a comunidade UFMG em eventos específicos. Finalmente, como resultado desses esforços, o CEPE aprovou a institucionalização do IEAT em reunião ordinária ocorrida em 5 de fevereiro de 2004, submetendo a questão à decisão do Conselho Universitário.

Com vistas a obter a aprovação das instâncias superiores, o Comitê Diretor, já sob a presidência do Professor Alfredo Gontijo de Oliveira, elaborou um dossiê intitulado *Proposta de Institucionalização do IEAT*. Embasados nesse dossiê, em que o IEAT demonstrava a evolução de suas atividades, os resultados alcançados no período experimental e as perspectivas de futuros desdobramentos, considerando também as Resoluções do CEPE e o Parecer nº 1/2005 da Comissão de Legislação, o Conselho Universitário institucionalizou o IEAT por meio da Resolução nº 3 de 12 de maio de 2005. Na ocasião, foi aprovado também o Regimento Interno do Instituto, que é um anexo da referida resolução e que estabelece em seu artigo 3º os objetivos a serem perseguidos pelo Instituto:

Art. 3º - Compete ao IEAT:

I - estimular, em suas variadas frentes de atuação, o estudo inédito de objetos, problemas e soluções, mediante abordagens transdisciplinares, aproveitando o potencial acadêmico das diferentes áreas de conhecimento existentes na UFMG;

II - difundir conceitos, abordagens e metodologias transdisciplinares na UFMG;

III - promover a interação entre profissionais das diversas áreas de atividade acadêmica, visando à prática transdisciplinar;

IV - realizar atividades de produção e transmissão de conhecimentos, abrangendo conferências, colóquios, seminários e outras de natureza acadêmica, em colaboração com órgãos da Universidade, instituições de ensino superior e organizações da sociedade;

V - estimular pesquisas e atividades que intensifiquem a colaboração e o intercâmbio de pesquisadores e docentes, tanto internamente à UFMG, quanto externamente, com grupos de pesquisa e correntes intelectuais significativos no País e no exterior;

VI - estabelecer programas que estimulem a presença na UFMG, por tempo determinado, de pesquisadores, professores e intelectuais de expressão no País e no exterior, para a realização de estudos e pesquisas;

VII - divulgar amplamente os resultados gerados, por seus estudos, mediante livros, artigos, vídeos e outros veículos ou canais de comunicação;

VIII - transferir para os Departamentos e Unidades Acadêmicas, quando de seus interesses, a continuidade das atividades de pesquisa, ensino e extensão bem-sucedidas do IEAT.^[10]

Formalmente institucionalizado, o IEAT entra então em sua terceira fase: *Período de Consolidação* . e em dezembro

de 2005 é instituído o novo Comitê, integrado pelos professores Eduardo Fleury Mortimer, João Antônio de Paula, Sérgio Danilo Junho Pena, Virgílio Augusto Fernandes Almeida e Carlos Antônio Leite Brandão, sendo este último nomeado diretor-presidente. Uma das primeiras providências da nova diretoria foi solicitar que o Instituto fosse definitivamente incluído na matriz orçamentária da Universidade. Até aquele momento o IEAT havia sido amparado, quase totalmente, por um aporte financeiro advindo da FUNDEP, mas, para seguir o fluxo das atividades e dar continuidade à expansão do Instituto, era necessário assegurar uma verba que fosse renovada anualmente. Assim, tendo como sustentação um documento, intitulado “Relatório dos 100 dias de gestão”, o IEAT foi incluído na matriz orçamentária e dali em diante os subsequentes relatórios de atividades apresentados a cada ano justificavam as necessidades do Instituto e garantiam os recursos essenciais para continuidade do trabalho.

Desde seu período experimental até aquele momento, o IEAT desenvolveu suas atividades tendo como espaço físico apenas uma sala no prédio da Reitoria. A estrutura de pessoal era de apenas uma servidora e um estagiário. Diante da perspectiva de crescimento e sanada a questão financeira, a nova diretoria concentrou-se na mudança do Instituto para um espaço que oferecesse a estrutura física e de pessoal compatível com a expectativa de crescimento do IEAT. Assim, em outubro de 2006, o Instituto instalou-se no prédio da Unidade Administrativa III, dentro do Campus Pampulha, onde permanece até os dias atuais. O quadro de funcionários foi sendo composto aos poucos, hoje o IEAT conta com quatro servidores e dois bolsistas de graduação. Quanto aos comitês, conforme determina o Regimento Interno do Instituto, foi mantido o número de integrantes de cada um deles como em sua formação inicial, sendo o Diretor com cinco elementos e o Científico

inicial, sendo o Diretor com cinco elementos e o Científico com oito. O diretor-presidente é a principal autoridade executiva, seu mandato é de dois anos, prorrogáveis por mais dois, quando pertinente, e é escolhido pelo reitor dentre os cinco integrantes do Comitê Diretor que devem ser docentes em exercício na UFMG e devem representar as três grandes áreas do conhecimento: Humanidades, Letras e Artes, Ciências da Vida (incluindo Saúde) e Ciências da Natureza e suas tecnologias. O CEPE é responsável por designar para um mandato de quatro anos os demais membros do Comitê Diretor, a partir das indicações oriundas das congregações das unidades acadêmicas, do Comitê Diretor em exercício e do próprio CEPE. Já o Comitê Científico deve ser integrado por pessoas de expressiva atuação no cenário científico-intelectual do país, incluindo profissionais com atuação em diversos campos do conhecimento, não necessariamente do ensino superior. Os membros são indicados pelo CEPE, a partir de sugestões do Comitê Diretor ou do próprio CEPE, com mandato de três anos, permitida uma recondução.

Vencidas as etapas de conquistar uma sede própria e de formar uma estrutura de pessoal adequada às demandas do Instituto, era chegado o momento de tornar visível o trabalho do IEAT para toda a comunidade acadêmica. Com esse intuito, foi criado um folder institucional bilíngue, distribuído para a comunidade acadêmica durante eventos institucionais. Além disso, foi criada a página do Instituto na web que não só permitiu o alcance aos vídeos dos eventos promovidos pelo Instituto a um número ilimitado de pessoas como também criou um canal direto de divulgação dos produtos gerados a partir de seus programas. Algumas atividades foram inseridas em eventos de grande evidência, por exemplo: durante a Semana do Conhecimento da UFMG em 2006, foi realizada a I Oficina Transdisciplinar do IEAT, na Escola

de Belas Artes.

Em meados de maio de 2007 o Comitê Diretor abraçou outro projeto: o Cátedras de Estudos Ibero-Latino-Americanos, de autoria da Professora Eliana Regina de Freitas Dutra. A nova cátedra, implantada em parceria com a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFMG e financiamento do banco Santander, propunha uma articulação com a tradição científica, intelectual e cultural das universidades do continente latino-americano, herdeiras da experiência pioneira da mundialização ibérica. Este foi mais um passo importante para a expansão das atividades do IEAT.

O Professor Carlos Antônio Leite Brandão foi renomeado diretor-presidente em dezembro de 2007 e continuou à frente da direção do IEAT durante toda a sua fase de consolidação, que durou até dezembro de 2009. Nesse período intensificaram-se as atividades dos Programas de Cátedras, principalmente as patrocinadas pela Fundação Ford.

Ainda em 2007 vale destacar a criação do Programa Professor Residente. De acordo com o regulamento,^[11] podem participar do programa: docentes da UFMG, em exercício, eméritos ou aposentados, que exerçam atividades como voluntários na Universidade, de reconhecida excelência e que comprovem, por meio de *curriculum vitae*, contribuição na formação de recursos humanos e produtividade em atividades de pesquisa. Similar a um programa sabático, caso seja selecionado, o pesquisador deve ser liberado de seus encargos didáticos na graduação a fim de se dedicar a seu projeto de pesquisa de natureza avançada e transdisciplinar pelo período de um ano. Segundo Professor Carlos Brandão, em entrevista concedida ao Boletim UFMG àquela época, com essa iniciativa o IEAT se consolidou como um

instrumento de indução da pesquisa.^[12]

Ainda sobre o período de consolidação, entre os anos de 2006 e 2009, oito livros foram publicados com o apoio do IEAT. Alguns como frutos dos grupos de pesquisa, outros como resultados dos trabalhos de professores residentes.

O fechamento desse período coincide com a celebração dos 10 anos de existência do Instituto e encerramento do mandato de diretor-presidente do Professor Carlos Brandão. Em comemoração, foi realizado o seminário “Ágape Avançada: 10 Anos IEAT”, que contou com a presença de dois fundadores do Instituto: os professores Paulo Sérgio Lacerda Beirão e Ivan Domingues. Na ocasião foi feito um retrospecto dos 10 primeiros anos do IEAT, das conquistas realizadas até ali e foram levantadas as expectativas para o futuro do Instituto.

Com o objetivo de dar continuidade às discussões sobre o futuro do IEAT conduzidas durante o seminário “Ágape Avançada”, foi realizada, em novembro de 2009, em Ouro Preto, uma reunião de imersão intitulada “Prospectando o IEAT”. O evento contou com a participação de toda a equipe de técnicos-administrativos e bolsistas do IEAT, do Comitê Diretor, de alguns professores residentes e de outros convidados que de alguma forma poderiam contribuir com o Instituto. Durante a reunião foi feito um retrospecto dos trabalhos realizados entre 2005 e 2009 com o intuito de situar o IEAT naquele momento e prospectá-lo para o futuro, traçando algumas diretrizes para a próxima gestão. A partir das discussões e sugestões apresentadas naquela oportunidade, mais dois grupos de pesquisa se consolidaram: o Centro de Estudos do Movimento, Expressão e Comportamento Humanos (CEMECH) e o Biotecnologias e Regulações: as Fronteiras do Humano.

O quinto diretor-presidente do IEAT foi o Professor

O quinto diretor-presidente do IEAT foi o Professor Maurício Alves Loureiro, cujo mandato durou de janeiro de 2010 a setembro de 2014. Essa fase foi marcada por iniciativas que visavam tornar o IEAT conhecido no cenário mundial, por esse motivo foi denominada *Fase de Internacionalização*. Durante sua gestão, o Professor Loureiro investiu na divulgação das atividades do Instituto no exterior, principalmente em outros institutos com a mesma natureza do IEAT. O objetivo foi viabilizar novas parcerias em projetos de cunho transdisciplinar para a UFMG. Dentre os lugares visitados destacam-se: o Institut d'Études Avancées (IEA) e o Réseau Français des Instituts D'Études Avancées (RFIEA), ambos em Paris; o Freiburg Institute for Advanced Studies (FRIAS), em Freiburg; o Institute for Advanced Studies, da Universidade de Durham, e o Centre for Research in the Arts, Social Sciences and Humanities (CRASS), da Universidade de Cambridge.

O ano de 2011 ficou marcado como o que teve o maior número de visitas de catedráticos na história do IEAT. O grande número de projetos aprovados pelo Programa Cátedras naquele ano (10 ao todo) contribuiu para a difusão do nome do IEAT no meio acadêmico e aumentou a confiabilidade na proposta do Instituto de viabilizar o adensamento das pesquisas transdisciplinares na Universidade.

Repetindo o bom êxito da gestão anterior em termos de publicações, mais cinco títulos foram lançados: dois como frutos do Programa Residente, um do Grupo de Pesquisa Biotecnologias e Regulações, uma coletânea dos textos de catedráticos que passaram pelo IEAT e um como resultado de dois colóquios internacionais promovidos pelo IEAT sobre Leon Battista Alberti.

Em 2012, o IEAT consegue aprovação do projeto de construção de um laboratório para o ensino de pesquisa

construção de um laboratório para o grupo de pesquisa CEMECH através do CT-Infra/Finep, viabilizando o trabalho colaborativo entre pesquisadores de várias áreas do conhecimento da UFMG (engenharia, educação física, computação, música, educação, linguística, artes, física e reabilitação) e ex-catedráticos do Instituto oriundos de três grandes universidades: McGill University, University of British Columbia e Université Claude Bernard Lyon 1. Para efetivação do projeto, a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional cedeu um espaço em suas dependências para a construção do laboratório que recebeu equipamentos de última geração para o desenvolvimento de estudos sobre o comportamento motor e comunicativo humano. No laboratório podem ser realizados testes importantes como o do equipamento Up Rose, que permite que cadeirantes e pessoas acamadas se desloquem de pé. [13]

Paralelamente a todos esses acontecimentos, o IEAT, em parceria com a Reitoria, iniciou o ciclo de seminários “A Universidade do Futuro”. Entre os anos de 2011 e 2013, foram realizados oito seminários em torno de temas diversos, entre eles: a interdisciplinaridade na graduação; a experiência da UFBA e UFABC com os bacharelados interdisciplinares; os *colleges* americanos e o futuro das bibliotecas universitárias. Segundo seus idealizadores, entre eles o Professor Ivan Domingues, os eventos realizados ensejaram importantes discussões entre especialistas de diferentes áreas do conhecimento em torno dos desafios impostos às academias nos dias atuais.

A partir de setembro de 2014, o Professor Estevam Barbosa de Las Casas assumiu a diretoria do IEAT, nomeado pela Portaria nº 6343, de 18 de setembro de 2014 e reconduzido ao cargo até setembro de 2018 por meio da Portaria nº 7312, de 3 de novembro de 2016. A gestão do Professor Las Casas é exposta em outro artigo contido neste volume e sua atuação nos últimos anos desta

neste volume, o que dispensa nos atermos a ela neste momento, por risco de redundância e de não fazê-lo tão bem quanto o próprio autor.

Findada essa revisitação histórica levantada por meio de pesquisa documental, será exposto a seguir um resumo do que se apurou por meio de entrevistas e questionários aplicados a anfitriões, catedráticos, professores residentes e dirigentes da UFMG.

O IEAT na voz da comunidade acadêmica

Através das entrevistas e questionários aplicados durante minha citada pesquisa de mestrado, procurei investigar junto àqueles que participaram dos programas do IEAT: quais os resultados alcançados e/ou desdobramentos das atividades promovidas pelo Instituto e qual a visão dos participantes com relação ao papel do IEAT dentro da Universidade. Foram ouvidos também ex-diretores do Instituto e dirigentes da UFMG do passado e do presente.

Segundo os inquiridos, por meio dos seminários, conferências, palestras, colóquios e *workshops* realizados pelo IEAT, alunos e outros pesquisadores, de dentro e de fora da UFMG, têm a oportunidade de conhecer pesquisas desenvolvidas por especialistas nas diversas áreas do conhecimento e com eles estabelecer contatos que oportunizam a realização de trabalhos em conjunto. Os minicursos e as disciplinas ministrados pelos convidados internacionais também foram apontados como um importante meio dos alunos aprimorarem seus conhecimentos e estimularem suas pesquisas, principalmente na pós-graduação, intensificando as oportunidades de intercâmbio.

[A cátedra teve vários desdobramentos]: ajudou (...)

a criar e fortalecer uma linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, denominada ESTTE – Estudos Sociais do Trabalho, da Tecnologia e da Expertise. Alguns alunos da linha já participam de eventos internacionais interagindo com a equipe de Cardiff (...). Aumentamos também a participação em eventos do ESOCITE na América Latina, em Curitiba (...) e Buenos Aires, em 2014. Com a ampliação da linha de pesquisa também para alunos de doutorado, as condições serão mais favoráveis para que esse intercâmbio se intensifique, tendo em vista a possibilidade de fazer doutorados em cotutela ou sanduíche. ^[14]

As interações dos convidados com seus anfitriões e grupos de pesquisa da Universidade estimulam e induzem estudos nas interfaces das diversas disciplinas, além de fortalecer linhas de pesquisa já existentes. Muitos artigos e livros em coautoria são produzidos a partir dessas interações e convites para realização de pós-doutoramento em instituições no exterior acontecem com regularidade.

Foi recorrente nos depoimentos a afirmação de que o reconhecimento do nome da UFMG e inserção de seus pesquisadores na comunidade internacional acontecem a partir da participação de pesquisadores estrangeiros nos programas IEAT. Esses pesquisadores levam suas impressões às suas instituições de origem e, por intermédio deles, novos convênios, parcerias e acordos de cooperação são firmados.

Acho importantíssimo o papel dos institutos avançados para o intercâmbio acadêmico internacional de alto nível e considero a perspectiva de estudos transdisciplinares como arrojada, inovadora e que abre interessantes possibilidades de cooperação acadêmica. ^[15]

Outro ponto que emerge de forma recorrente nos relatos

Outro ponto que apareceu de forma veemente nos relatos foi a visão do IEAT como o lugar de acolhimento de pesquisas inovadoras que não encontram espaço nas unidades e agências de fomento. Além disso, foi apontada como de suma importância a oportunidade que o IEAT dá aos pesquisadores de desenvolverem seus projetos e pesquisas sem as amarras e pressões burocráticas do dia a dia acadêmico.

O programa é uma espécie de lufada de ar fresco na estrutura da Universidade. Trata-se de um local de trocas intelectuais de alto nível, porém como um programa com dotação própria, são convidados os excelentes das mais diversas áreas, sem ter que atrelá-los a participações em bancas ou atividades de outra natureza que não seja apenas a pesquisa.^[16]

Os visitantes internacionais destacaram em especial o desenvolvimento das pesquisas transdisciplinares impulsionadas pelo IEAT. Segundo os relatos, nesse quesito o IEAT está à frente de outros institutos de natureza similar nos Estados Unidos e Europa, que, apesar de terem um discurso de promoção à trans e à multidisciplinaridade, não conseguem implementá-las.

Este tipo de iniciativa é essencial no seio de uma universidade. Na verdade, as direções de universidades e organismos de pesquisa, como o CNRS na França, têm um discurso oficial de promoção à trans e multidisciplinaridade. Entretanto, a resistência para desenvolvê-las é grande, visto a organização da pesquisa e ensino no mundo, em que as disciplinas se mantêm fechadas nelas mesmas. Unidades como o IEAT da UFMG, que têm independência dentro da universidade, exercerão um papel fundamental na quebra deste paradigma.^[17]

Já os residentes frisaram o quão produtivo foi o tempo que passaram no IEAT. Alguns destacaram, principalmente, o considerável aumento de suas

produções e participações em eventos acadêmicos no período em que estiveram no Instituto.

(...) sou grata pela oportunidade concedida pelo IEAT. Acho que o meu maior ganho, este ano, foi o de voltar à minha produtividade e dar boa divulgação a esses trabalhos, tanto no Brasil quanto no exterior. A Universidade me concedeu o tempo que eu necessitava e voltei a receber convites para apresentar e publicar trabalhos no exterior (...).^[18]

Diante de tudo o que foi compilado, é seguro afirmar que o IEAT vem cumprindo de forma clara e eficiente cada um dos oito objetivos traçados pelo artigo 3º de seu Regimento Interno, transcrito anteriormente neste artigo. A pesquisa concluiu que o IEAT contribui para o ensino, a pesquisa e a extensão na UFMG de forma efetiva, uma vez que o ciclo de retroalimentação do conhecimento gerado pelas ações do Instituto ao final beneficia a todos: alunos, professores e sociedade.

Considerações finais

Devo confessar que as constatações de minha pesquisa trouxeram a alegria de ver o resultado dos esforços que vejo dia a dia no IEAT, mas que o ritmo célere das atividades não permite que prestemos muita atenção. Saber como foi o início de tudo e como o Instituto foi conquistando seu espaço dentro da Universidade é importante para qualquer um que venha a integrar a equipe de trabalho ou assumir o posto de gestor. Esse conhecimento possibilita uma visão clara daquilo que existe e merece ser preservado, mas ao mesmo tempo aponta aquilo que pode ser melhorado. Conhecer a opinião daqueles que já passaram pelo Instituto também é importante para a correção de rotas e estabelecimento de novas metas. A mim não resta dúvida de que o IEAT é sim um valioso instrumento de difusão do conhecimento na

UFMG.

Neste ponto, poderíamos dar este artigo por acabado, entretanto considero importante dividir com os leitores algo que me chamou atenção nos relatos dos dirigentes da UFMG inseridos na pesquisa. As opiniões concordam entre si quanto à importância do trabalho do IEAT, mas também coincidem ao considerar que o Instituto é o lugar propício para a inquietação e como tal deve impactar e influenciar a vida acadêmica da Universidade. Ao ler e reler o que eu mesma ouvi e transcrevi, veio a reflexão: como o IEAT poderia quebrar esse paradigma das “caixinhas” que estão estabelecidas na estrutura da Universidade e que ao que parece incomoda e até mesmo, impede o avanço do conhecimento? Como revolucionar a ordem do sistema? Seria este o caminho para que a Universidade se concentre nos desafios e questões emergenciais deste mundo cada vez mais complexo? Seria este um papel que o IEAT deve desempenhar? São questões intrigantes sobre as quais eu gostaria que cada um que teve a paciência de ler este artigo até o fim refletisse e contribuísse, quem sabe, para a realização de um próximo trabalho.

Notas

[1] DUARTE, 2016.

[2] VIEIRA, 1997.

[3] DOMINGUES et al., 2001.

[4] DOMINGUES et al, 2003, p. 3.

[5] Encontros Transdisciplinares. Disponível em: <<https://goo.gl/PUHFhN>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

[6] Obra publicada em três volumes em 2004 pela Nova Fronteira/Perseu Abramo e seus autores são Heloisa

Maria Murgel Starling, Jose Eisenberg e Berenice Cavalcante.

- [7] DOMINGUES et al., 1999.
- [8] DOMINGUES et al., 2001.
- [9] “Estudos Transdisciplinares unem arte, ciência e pensamento crítico”. Notícia veiculada na página da UFMG, 13 ago. 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/GxADg3>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- [10] Resolução nº 3, de 12 de maio de 2005, do Conselho Universitário. Boletim UFMG, nº 1.490, 30 jun. 2005.
- [11] Regulamento do Programa Professor Residente. Disponível em: <<https://goo.gl/YxHP2M>>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- [12] “IEAT lança Programa Professor Residente”, Boletim UFMG, nº 1549, ano 32, p. 6, 25 set. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/kaS1Mj>>. Acesso em: 29 jan. 2016.
- [13] “Fantástico apresenta equipamento testado no Laboratório de Análise do Movimento da EEEFTO”. Disponível em <<https://goo.gl/1RQJKn>>. Acesso em: 10 maio 2016. Reportagem exibida em 7 mar. 2016 no programa Fantástico da Rede Globo. Disponível em: <<https://goo.gl/rVkejN>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- [14] E-mail recebido de Francisco de Paula Antunes Lima em 27 de fevereiro de 2015 sobre os desdobramentos da Cátedra do Professor Harry Collins.
- [15] Resposta de Júnia Ferreira Furtado sobre o papel dos institutos de estudos avançados nas universidades, contida no questionário de avaliação da Cátedra do Professor Nuno Gonçalo de Freitas Monteiro.
- [16] Resposta de Maria do Céu Diel de Oliveira sobre o Programa Cátedras, contida no questionário de avaliação da Cátedra do Professor Antônio Pinelli.
- [17] Resposta de Rafael Laboissière sobre o papel dos institutos de estudos avançados nas universidades, contida no questionário de avaliação da sua participação

concluída no questionário de avaliação de sua participação no Programa Cátedras.

[18] Relatório de atividades do Programa Professor Residente de Neuma Aguiar durante o ano de 2007.

Referências

DOMINGUES, I. *et al.* *Transdisciplinaridade: descondicionando o olhar sobre o conhecimento. A criação do Instituto de Estudos Avançados da UFMG, as pesquisas transdisciplinares e os novos paradigmas.* 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/jkBg8f>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

DOMINGUES, I. (Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DOMINGUES, I. *et al.* *Projeto de criação de cátedra sobre criminalidade, violência e políticas públicas.* Belo Horizonte: Fundação Ford/IEAT-UFMG, 2001.

DOMINGUES, I. *et al.* *Relatório de atividades e desdobramentos – Período: 1999-2003.* Belo Horizonte: IEAT-UFMG, 2003.

DUARTE, A. K. A. *O Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares e sua contribuição ao desenvolvimento da UFMG.* Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Fundação Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/ucVzFY>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

VIEIRA, L. A. *Sugestões para a criação do Instituto de Investigações Avançadas Interdisciplinares.* Belo Horizonte: [s.n.], 1997.

Anexo 1

PARTICIPANTES DO PROGRAMA PROFESSORES RESIDENTES

JÚNIA FERREIRA FURTADO

Departamento de História da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2007 a 10 de dezembro de 2007. Projeto: “Os oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e D’Anville na construção da cartografia sobre o Brasil”.

NEUMA AGUIAR

Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2007 a 15 de dezembro de 2007. Projeto: “Ponte e porta: fronteiras com o conhecimento sociológico”.

RICARDO HIROSHI CALDEIRA TAKAHASHI

Departamento de Matemática do ICEx-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2007 a 31 de julho de 2008. Projeto: “Contribuições à epistemologia da técnica: teoria de controle e teoria dos sistemas evolutivos”.

FRANCISCO CARLOS DE CARVALHO MARINHO

Departamento de Fotografia da EBA-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2008 a 28 de fevereiro de 2009. Projeto: “Mundos virtuais estéticos baseados em agentes adaptativos e colaborativos”.

JOSÉ RAIMUNDO MAIA NETO

Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2008 a 28 de fevereiro de 2009. Projeto: “O paradigma cético no pensamento moderno”.

REGINA HORTA DUARTE

Departamento de História da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2008 a 28 de fevereiro de 2009. Projeto: “O Museu Nacional e as práticas científicas no Brasil (1911-1945)”.

SÉRGIO DANILO JUNHO PENA

Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2008 a 28 de fevereiro de 2009. Projeto: “História genética do povo brasileiro”.

EDUARDO FLEURY MORTIMER

Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da FaE-UFMG. Período da residência: 1º de fevereiro de 2009 a 31 de janeiro de 2010. Projeto: “O modelo de perfis conceituais: ensinando e aprendendo conceitos científicos”.

CLÁUDIO BEATO FILHO

Departamento de Sociologia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2009 a 28 de fevereiro de

2010. Projeto: “Ambiente urbano e controle social em segurança pública”.

MARIA ESTHER MACIEL DE OLIVEIRA BORGES

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2009 a 28 de fevereiro de 2010. Projeto: “Animais na literatura: por uma zoopoética contemporânea”.

MÔNICA SETTE LOPES

Departamento de Direito do Trabalho e Introdução ao Estudo do Direito da Faculdade de Direito-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2009 a 28 de fevereiro de 2010. Projeto: “Imputações no direito e na comunicação de massa: atravessando e ultrapassando universos (quase) paralelos”.

HELOISA MARIA MURGEL STARLING

Departamento de História da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2010 a 28 de fevereiro de 2011. Projeto: “Direito à verdade e à memória”.

CARLOS VICENTE DE LIMA PALOMBINI

Departamento de Teoria Geral da Música da Escola de Música-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012. Projeto: “Funk proibido: lado certo, vida errada”.

GERALDO WILSON AFONSO FERNANDES

Departamento de Biologia Geral do ICB-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012. Projeto: “Instalação do Instituto de Observação da Terra”.

MÁRCIO GOMES SOARES

Departamento de Matemática do ICEx-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012. Projeto: “Teoria geométrica de folheações e economia matemática”.

MARCOS ASSUNÇÃO PIMENTA

Departamento de Física do ICEx-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012. Projeto: “O que é e para que serve a nanotecnologia”.

RODRIGO ANTÔNIO DE PAIVA DUARTE

Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2011 a 31 de julho de 2012. Projeto: “Vilém Flusser e a estetosfera brasileira”.

MARIA DO CÉU DIEL DE OLIVEIRA

Departamento de Desenho da EBA-UFMG. Período da residência: 1º de fevereiro de 2012 a 31 de janeiro de 2013. Projeto: “Educação visual através da mnemônica e as categorias poéticas nas artes visuais”.

FABRÍCIO RODRIGUES DOS SANTOS

Departamento de Biologia Geral do ICB-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Projeto genográfico no Brasil: conexões genético-históricas entre povos indígenas e o povoamento pré-colombiano da América do Sul”.

LUIS ALBERTO FERREIRA BRANDÃO SANTOS

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Espaço como categoria transdisciplinar”.

MARCO AURÉLIO ROMANO-SILVA

Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Neuromodulação ao longo do ciclo vital”.

PATRÍCIA DIAS FRANCA-HUCHET

Departamento de Desenho da EBA-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Entre a história e a ficção: a experiência do heterônimo na prática fotográfica e literária”.

ROSÂNGELA PEREIRA DE TUGNY

Departamento de Teoria Geral da Música da Escola de Música-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Cantos de sobrevivência e ancestralidade no território da escrita”.

THAÏS CRISTÓFARO ALVES DA SILVA

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “Dinamicidade das representações mentais: estudos em sonoridade”.

VASCO ARISTON DE CARVALHO AZEVEDO

Departamento de Biologia Geral do ICB-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2013 a 28 de fevereiro de 2014. Projeto: “As três verdades: a minha, a sua e a verdadeira”.

LÉO HELLER

Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Escola de Engenharia-UFMG. Período da residência: 1º de

junho de 2013 a 31 de maio de 2014. Projeto: “Rompendo as barreiras disciplinares do saneamento básico”.

ANTÔNIO LÚCIO TEIXEIRA JUNIOR

Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2013 a 31 de julho de 2014. Projeto: “Psiconeuroimunologia: investigando as bases imunes do comportamento”.

HANI CAMILLE YEHIA

Departamento de Engenharia Eletrônica da Escola de Engenharia-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2013 a 31 de dezembro de 2014. Projeto: “Tecnologia da fala aplicada a modelos cognitivos e seus correlatos neurofisiológicos”.

ANA PAULA PAES DE PAULA

Departamento de Ciências Administrativas da FACE-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2014 a 28 de fevereiro de 2015. Projeto: “Abordagem freudo-frankfurtiana e produção do conhecimento: um suporte teórico-metodológico para estudos transdisciplinares”.

EDUARDO DE CAMPOS VALADARES

Departamento de Física do ICEx-UFMG. Período da residência: 1º de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2015. Projeto: “Ambientes de inovação transdisciplinares na UFMG”.

GEORG OTTE

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de março de 2015 a 29 de fevereiro de 2016. Projeto: “Cultura

e natureza em Walter Benjamin e Ludwik Fleck. Um diálogo entre as ciências humanas e ciências naturais”.

CLÁUDIA CARDOSO MARTINS

Departamento de Psicologia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “A hipótese do déficit fonológico oferece uma explicação satisfatória da dislexia do desenvolvimento: evidência do português brasileiro”.

MARIA DO CARMO DE FREITAS VENEROSO

Departamento de Artes Plásticas da EBA-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “Quanto ao livro ou aproximações entre livros de artista e da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca Universitária da UFMG”.

PATRÍCIA MARIA KAUARK LEITE

Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “Estruturalismo transcendental: em defesa de uma filosofia kantiana contemporânea da ciência”.

RAONI GUERRA LUCAS RAJÃO

Departamento de Engenharia de Produção da Escola de Engenharia-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “Perspectivas transdisciplinares sobre a gestão de serviços ambientais em Minas Gerais: buscando a integração entre tecnologia, organizações e políticas”.

RENAN SPRINGER DE FREITAS

Departamento de Sociologia da FAFICH-UFMG. Período

da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “Reformadores educacionais, empreendedorismo científico e o crescimento econômico moderno: lições do desenvolvimento industrial inglês do século XIX”.

STÉPHANE DENIS ALBERT RENÉ PHILIPPE HUCHET

Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo da Escola de Arquitetura-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2015 a 31 de julho de 2016. Projeto: “Uma transdisciplinaridade avançada: a *agenda* moderna e contemporânea das artes”.

ALBERTO HENRIQUE FRADE LAENDER

Departamento de Ciência da Computação do ICEx-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “Árvores genealógicas acadêmicas: um estudo sobre a formação, evolução e disseminação de grupos de pesquisa”.

LÉA FREITAS PEREZ

Departamento de Sociologia da FAFICH-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “Festa, religião e cidade: interfaces e modulações luso-brasileiras”.

MARALICE DE SOUZA NEVES

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “O afetamento da psicanálise no ensino e aprendizagem de línguas: a conversação como pesquisa na educação continuada de professores da escola básica”.

MÁRCIA MARIA CANÇADO LIMA

Faculdade de Letras-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “Linguística, informática e educação – abordagens para um catálogo de verbos do português brasileiro”.

MARIA FERNANDA SALCEDO REPOLÊS

Departamento de Direito do Trabalho e Introdução ao Estudo do Direito da Faculdade de Direito-UFMG. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “Tempo, espaço e sentidos de constituição”.

ROCHEL MONTERO LAGO

Departamento de Química do Instituto de Ciências Exatas. Período da residência: 1º de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017. Projeto: “Programa multidisciplinar/interdepartamental para formar líderes com capacidade empreendedora em uma economia do conhecimento e inovação”.

Anexo 2

PARTICIPANTES DO PROGRAMA VISITAS INTERNACIONAIS

ALBERTO FILIPE ARAÚJO

Doutor em Filosofia da Educação, professor do Departamento de Teoria da Educação e Educação Artística de Física da Universidade do Minho, Portugal. Tema da palestra: “Da contemplação do(s) silêncio(s) à palavra iniciática”.

ANNIE-MARIE CHRISTIN

Professora emérita da Universidade Denis Diderot Paris VII e codiretora do Centre d’Étude de l’Écriture et de l’Image, França. Tema da palestra: “Da ilustração como transgressão”.

AXEL KAHN

Geneticista, professor da Université Paris V, França. Tema da palestra: “A biotecnologia e a produção do homem do futuro: aspectos tecnológicos e éticos”.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, Portugal. Tema da palestra: “A universidade do século

XXI: para uma construção de uma universidade com futuro”.

CHARLES BAZERMAN

PhD em Literatura, professor do Departamento de Educação da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, Estados Unidos. Tema da palestra: “Informação ambiental: conhecimento científico, vontades públicas e representações políticas do meio-ambiente”.

DOMINIQUE LESTEL

Filósofo, professor da École Normale Supérieure de Paris, França. Tema da palestra: “A animalidade: sobre o estatuto do humano”.

ELIAS FATTAL

Farmacêutico, professor de Tecnologia Farmacêutica na Université Paris XI, França. Tema da palestra: “Nanotecnologia aplicada ao transporte de ácidos nucleicos e agentes de contraste”.

EUGÈNE ENRIQUEZ

Professor emérito da Université Paris VII, França, com formação em Sociologia, Direito, Filosofia e Psicanálise. Tema da palestra: “Das solidões à solidariedade: vínculos sociais contemporâneos em análise”.

GARY DiBENEDETTO

Compositor eletroacústico e escultor cinético. Tema da palestra: “Abordagem de questões sociais e políticas, através de formas de artes interdisciplinares”.

GUNTHER KRESS

Professor de Semiótica e Educação no Departamento de Aprendizagem, Currículo e Comunicação da University College London, Inglaterra. Tema da palestra: “Multimodalidade e aprendizagem: novas perspectivas do conhecimento, representação e comunicação”.

HARRY KROTTO

Químico, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1996, professor da Florida State University, Estados Unidos. Tema da palestra: “Criatividade sem fronteiras”.

HUGH LACEY

Filósofo da Ciência, professor emérito do Swarthmore College, Estados Unidos. Tema da palestra: “A controvérsia sobre os transgênicos”.

HUMBERTO MATURANA

Neurobiólogo, professor da Universidad de Chile. Tema da palestra: 1ª) “Idades da humanidade”; 2ª) “A origem da linguagem”.

IRENE KLAVER

PhD em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia e Estudos da Religião da University of North Texas, Estados Unidos. Tema da palestra: “Água e diversidade cultural”.

JEAN-PAUL BRONCKART

Linguista e psicólogo, professor de Didática de Línguas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Université de Genève, Suíça. Tema da palestra: “Proposições para uma ciência unificada do humano”.

JOHN HOPCROFT

Professor de Engenharia e Matemática Aplicada do Departamento de Ciência da Computação da Cornell University, Estados Unidos. Tema da palestra: “Teoria da Ciência da Computação para apoiar a pesquisa na era da informação”.

JORGE JÚLIO LANDEIRO VAZ

Doutor em Ciências Econômicas e Empresariais, professor da Universidade Técnica de Lisboa. Tema da palestra: “O processo de Bologna e o seu impacto na educação superior brasileira”.

JOSÉ MENDES

Físico, professor do Departamento de Física da Universidade de Aveiro, Portugal. Tema da palestra: “A física de redes complexas: da biologia à internet e www”.

JOSEPH LAMBERT

Bacharel em Teatro e Ciência Política, diretor executivo do Center of Digital Storytelling, Inglaterra. Tema da palestra: “Metodologias de pesquisa e de intervenção social em contextos digitais”.

KENNETH HOLT

PhD em Ciência do Exercício, professor do Programa Ciências do Movimento e Reabilitação da Boston University, Estados Unidos. Tema da palestra: 1ª) “Princípios para a construção de exoesqueletos biologicamente inspirados”; 2ª) “Como a energia é transferida entre diferentes formas durante a locomoção”.

KENNETH ZEICHNER

PhD em Psicologia Educacional, professor do Departamento de Currículo e Ensino da University of Wisconsin, Estados Unidos. Tema da palestra: “Temas atuais e controvérsias na formação de professores nos Estados Unidos”.

MARSHALL SAHLINS

Antropólogo, professor emérito da University of Chicago, Estados Unidos. Tema da palestra: “O rei-estrangeiro ou formas elementares da vida política”.

MAURIZIO SERVA

Físico, professor associado de Física e Matemática no Departamento de Engenharia e Ciência da Computação e Matemática da Università degli Studi dell’Aquila, Itália. Tema da palestra: “Filogenia automatizada de línguas a partir da distância de Levenshtein”.

MICHAEL TANENHAUS

Psicolinguista, professor do Departamento do Cérebro e Ciências Cognitivas da University of Rochester, Estados Unidos. Tema da palestra: “Adaptação, generalização e explicação da compreensão da linguagem em nível superior”.

PAUL CLAVAL

Geógrafo, professor da Université Paris IV. Tema da palestra: “Globalização, migrações, inclusão e exclusão”.

PIERRE LÉVY

Sociólogo, PhD em Ciência da Informação e Comunicação, professor da Université du Québec, Canadá. Tema da palestra: “O ciberespaço como uma meta evolutiva”.

REMY LESTIENNE

Físico e neurobiólogo, diretor do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), França. Tema da palestra: “Do tempo da emergência até a emergência do tempo”.

ROLF ZINKERNAGEL

Imunologista e patologista, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1996, professor emérito do Hospital Universitário de Zurique, Suíça. Tema da palestra: “Um Prêmio Nobel obtido de resultados experimentais inesperados”.

RONALD LEE

Economista, professor do Departamento de Demografia e Economia da University of California, Berkeley, Estados Unidos. Tema da palestra: “Envelhecimento populacional, ciclo de vida econômico e transferências intergeracionais: a América Latina em um contexto global”.

RUI MARTINS

PhD em Engenharia Elétrica e Computacional, vice-reitor da Universidade de Macau, China. Tema da palestra: “Duas décadas em microeletrônica: pesquisa científica, educação e indústria”.

VIBEKE SORENSEN

Artista e professora do Departamento de Estudos de Filmes e Mídia da University of Arizona, Estados Unidos. Tema da palestra: 1ª) “Cultivando o espaço entre a arte e a ciência”; 2ª) “Novas mentes”.

VINTON CERF

Matemático e PhD em Ciências da Computação, vice-

presidente e Chief Internet-Evangelist da Google. Tema da palestra: “Monitoramento da internet na entrada do século XXI”.

YVES SCHWARTZ

Filósofo, professor emérito do Departamento de Filosofia da Aix-Marseille Université, França e membro da Académie des Sciences Morales et Politiques, França. Tema da palestra: “O conceito de atividade humana no princípio da cooperação transdisciplinar”.

Anexo 3

PARTICIPANTES DO PROGRAMA CÁTEDRAS

ALFREDO GONZÁLEZ-RUIBAL

Arqueólogo do Instituto de Ciências do Patrimônio do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Espanha. Tema da Grande Conferência: “Um tempo difícil: arqueologia e modernidade”.

ANTÓNIO COUTINHO

Médico e doutor em Imunologia, diretor do Instituto Gulbenkian de Ciência, Portugal. Tema da Grande Conferência: “Evolução e desenvolvimento da tolerância natural no contexto das infecções”.

ANA IRENE PIZARRO ROMERO

Doutora em Letras, professora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Santiago do Chile. Tema da Grande Conferência: “Amazônia: imaginário e discurso”.

ANN MARILYN STRATHERN

Antropóloga, professora da University of Cambridge, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Autores e proprietários: questões sobre disseminação do conhecimento”.

ANN MARKUSEN

Economista, diretora do Centro de Economia Industrial e Regional da University of Minnesota, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: 1ª) “Artes e indústrias culturais no desenvolvimento regional”; 2ª) “Artistas como empresários e ativos comunitários”.

ANTONIO PINELLI

Professor emérito do Departamento de História, Arqueologia, Cultura, Arte e Espetáculo da Università degli Studi di Firenze, Itália. Tema da Grande Conferência: “O tempo na armadilha: os artistas e o problema da representação espacial do tempo”.

ASH AMIN

PhD em Geografia, diretor de pesquisa do Departamento de Geografia da University of Cambridge, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Reanimando a política do desconhecido”.

AUGUSTIN HOLL

Professor do Departamento de Antropologia da Université Paris Ouest - Nanterre La Defense, França. Tema da Grande Conferência: “Da Nigéria/Camarões à África do Sul: a expansão dos falantes bantu”.

BERTA QUEIJA

Doutora em História da América, chefe do Conselho Superior Científico da Escuela de Estudios Hispano-Americanos (EEHA), Espanha. Tema da Grande Conferência: “Construções identitárias na América colonial espanhola”.

CHRISTOPHER GLYN SINHA

Doutor em Psicologia da Linguagem, professor do Departamento de Psicologia Cognitiva da University of Portsmouth, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Linguagem, cultura e mente: independência ou interdependência”.

CLAUDIA STORTI

Professora do Departamento de Direito Medieval e Moderno da Università degli Studi di Milano, Itália. Tema da Grande Conferência: “Economia (e costume) *versus* direitos humanos. Questões de direito sobre o tráfico de escravos no século XIX”.

CLAUS CLÜVER

Professor emérito de Literatura Comparada da Indiana University, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “*Making It New?* Intermidialidade e teorias atuais da adaptação”.

DAVI KOPENAWA

Líder xamã, presidente da Hutukara Associação Yanomami, Brasil. Tema da Grande Conferência: “O cosmo segundo os Yanomami: Hutukara e Urihi”.

DAVID VLAHOV

Epidemiologista, professor de epidemiologia clínica da Escola de Saúde Pública Mailman da Columbia University, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Construindo para a saúde urbana: a saúde nas cidades”.

DOMINIQUE DUPREZ

Sociólogo, diretor do Centre Lillois d’Etudes et de

Recherches Sociologiques et Economiques (Clersé) da Université de Lille, França. Tema da Grande Conferência: “Conflitos urbanos e irrupções de jovens na França”.

DOUGLAS GOLENBOCK

Médico e bioquímico, chefe da Divisão de Doenças Infecciosas e Imunologia da Faculdade de Medicina da University of Massachusetts. Tema da Grande Conferência: 1ª) “Choque séptico”; 2ª) “The biology of TOLL-like receptors and inflammasoms”.

EDUARDO BATALHA VIVEIROS DE CASTRO

Antropólogo, professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tema da Grande Conferência: 1ª) “Antropologia e imaginação da indisciplinaridade”; 2ª) “Antropologia e imaginação da indisciplinaridade, parte II”.

ERICK VATIKIOTIS-BATESON

Físico, filósofo e linguista, diretor do Programa de Sistemas Cognitivos da University of British Columbia, Canadá. Tema da Grande Conferência: “Coordenação, paralelismo e sincronia na comunicação humana”.

ESTEBAN CASTRO

Sociólogo e cientista político, professor de Sociologia da Escola de Geografia, Política e Sociologia da University of Newcastle, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Elementos para um ecologia política da integração regional na América Latina”.

FIONA MACAULAY

Doutora em Ciência Política, professora do Departamento

de Estudos pela Paz da University of Bradford, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Educação para a paz: um desafio aos métodos tradicionais de ensino e ao escopo das disciplinas”.

FRANÇOIS HARTOG

Historiador, professor de Historiografia Antiga e Moderna da École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Tema da Grande Conferência: “A longa marcha da temporalização do tempo”.

HARRY COLLINS

Sociólogo, diretor do Centro para Estudo do Conhecimento, Especialização e Ciência da Cardiff University, País de Gales. Tema da Grande Conferência: “Uma visão histórica da Sociologia do Conhecimento Científico e Tecnológico: a terceira onda de estudos da ciência e populismo tecnológico”.

ISAO KUBO

Químico, professor do Instituto de Pesquisa em Recursos Naturais da University of California, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Potencial dos recursos naturais como fonte de novos medicamentos e cosméticos”.

JAMES ALEXANDER SCOTT KELSO

Neurocientista, professor de Psicologia, Ciências Biológicas e Ciências Biomédicas da Florida Atlantic University, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Coordenação e a natureza complementar”.

JAMES LYNCH

Sociólogo, professor da Escola de Assuntos Públicos da University of Michigan, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Uma abordagem interdisciplinar do crime: política, comportamento e ciência”.

JEAN LAVE

Antropóloga, professora da University of California, Berkeley, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “O que é aprendido?”.

JEAN-LOUIS COMOLLI

Escritor, editor e cineasta francês. Tema da Grande Conferência: “Ver e poder: o cinema numa perspectiva transdisciplinar”.

JOACHIM MICHAEL

Professor de Estudos Inter-Americanos e Estudos Românicos da Universität Bielefeld, Alemanha. Tema da Grande Conferência: “A fragilidade do presente: a questão do trauma na literatura brasileira contemporânea”.

JOHN McCOMBIE

Economista, diretor do Centro de Economia e Políticas Públicas da University of Cambridge, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Lições não aprendidas da desregulação e a crise financeira internacional”.

JOHN VAN BREDÁ

Filósofo, teólogo e sociólogo, gerente de projetos do Transdisciplinary Sustainability Analysis, Modelling and Assessment da Stellenbosch University, África do Sul. Tema da Grande Conferência: “Colaboração entre os países do BRICS como estratégia de internacionalização

do ensino superior: a perspectiva sul-africana”.

JOSÉ DA SILVA HORTA

Historiador e doutor em Letras, professor do Mestrado em Estudos Africanos da Universidade de Lisboa, Portugal. Tema da Grande Conferência: “Diálogos transdisciplinares sobre África: linhas de rumo e desafios recentes”.

JOSEPH WILLIAN STUCKI

Químico, professor do Departamento de Recursos Naturais e Ciências Ambientais da University of Illinois, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Evolução educacional de um cientista transdisciplinar nos Estados Unidos: visão panorâmica de Illinois”.

JØRGEN BRUHN

Professor de Literatura Comparada da Universidade Linnæus, Suécia. Tema da Grande Conferência: “O antropoceno através das fronteiras midiáticas: do discurso científico ao *blockbuster*”.

JULIO RAMOS

Especialista em Literatura e Cultura Latino-Americana, professor da University of California, Berkeley, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “A ficção de Juan Rulfo”.

LAUREN WEINGARDEN

PhD em Arte Moderna e Arquitetura, professora do Departamento de História da Arte da Florida State University, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Reflexões sobre a modernidade de Baudelaire”.

LUIS MIGUEL DE CARVALHO

Doutor em Ciências da Educação, professor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Tema da Grande Conferência: “Regulação transnacional e mútua-vigilância no governo da educação”.

MARC LEMAN

Pesquisador em Musicologia Sistemática da Universidade de Ghent, Bélgica. Tema da Grande Conferência: “Corpo e cognição musical com mediação de tecnologia”.

MARCELO MORTENSEN WANDERLEY

Doutor em Tecnologia Musical, diretor do Input Devices and Music Interaction Laboratory da McGill University, Canadá. Tema da Grande Conferência: “Funções e utilidades dos movimentos ditos ‘expressivos’ ou ‘acompanhantes’ de músicos enquanto tocam seus instrumentos”.

MARIA MANUELA CARNEIRO

Antropóloga, professora emérita da University of Chicago, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “Importância e diversidade do conhecimento tradicional. Quais suas formas de evidência, de validação, de circulação? Quais as relações que deveria ter como conhecimento científico?”.

MARK STAFFORD

Sociólogo, professor do Departamento de Sociologia da University of Texas, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “A teoria da causalidade nas ciências e no crime”.

MARTIN LIENHARD

Historiador e antropólogo, professor emérito da Universität Zürich, Suíça. Tema da Grande Conferência: “Mitologias andinas: ‘mito’, história e espaço”.

MAURIZIO SERVA

Físico, professor associado de Física e Matemática no Departamento de Engenharia e Ciência da Computação e Matemática da Università degli Studi dell’Aquila, Itália. Tema da Grande Conferência: “As origens do povo malgaxe, algumas certezas e vários mistérios”.

MICHAEL BRAMMER

Bioquímico e neurocientista do Centro de Análise das Imagens do Cérebro da University of London, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: 1ª) “Análise das imagens nas artes e nas ciências. Uma tradução transdisciplinar”; 2ª) “As leis das imagens. As imagens das leis”; 3ª) “Aplicação de ideias das Ciências Econômicas e Administrativas à análise de imagens cerebrais”.

NUNO GONÇALO DE FREITAS MONTEIRO

Doutor em História Moderna, Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal. Tema da Grande Conferência: “O ‘Antigo Regime’ português e o Brasil ‘colonial’: hierarquias sociais europeias e identidades sociais na América portuguesa”.

RAFAEL LABOISSIÈRE

Doutor em Ciências da Fala, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), França. Tema da Grande Conferência: “Movimento humano, fala e neurociência”.

RAINER GULDIN

Professor de Linguagem e Cultura Alemã nas Faculdades de Comunicação e Ciências Econômicas da Università della Svizzera italiana, Suíça. Tema da Grande Conferência: “Em certo sentido, qualquer coisa é uma nuvem. Reflexões sobre um fenômeno na interseção de filosofia, arte e ciência”.

REINALDO FUNES MONZOTE

Historiador, professor do Departamento de História da Universidad de La Habana, Cuba. Tema da Grande Conferência: “Dos bosques aos canaviais, uma história ambiental de Cuba 1492-1926”.

SERGE GRUZINSKI

Historiador e paleógrafo, professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Tema da Grande Conferência: “História e mundialização”.

SPENCER CHAINEY

Doutor em Filosofia, especialista em mapeamento e análise do crime. Diretor do Instituto de Criminologia Jill Dando da University College London, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Compreendendo o crime: melhorando o policiamento e reduzindo crimes com ciência, mapeamento e análise geográfica”.

STEVE WILLIAMS

PhD em Ressonância Nuclear Magnética, diretor do Centro de Ciências de Neuroimagem do Instituto de Psiquiatria do King's College London, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “Imagens do cérebro em funcionamento”.

TIMOTHY INGOLD

Antropólogo, professor de Antropologia Social da Universidade de Aberdeen, Escócia. Tema da Grande Conferência: “Aprender cada vez mais: contra a transmissão”.

TUKUFU ZUBERI

Sociólogo, professor de Sociologia e Estudos Africanos da University of Pennsylvania, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: “África e a diáspora africana: uma breve história demográfica de 10.000 anos”.

VIBEKE SORENSEN

Artista e professora do Departamento de Estudos de Filmes e Mídia da University of Arizona, Estados Unidos. Tema da Grande Conferência: 1ª) “Pluralidade cultural: a expansão da cidadania através da arte e da tecnologia”; 2ª) “Global Eyes”.

VINÍCIUS MARIANO DE CARVALHO

Doutor em Literaturas Românicas, professor do Brazil Institute do King’s College London, Inglaterra. Tema da Grande Conferência: “A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial vista pela literatura, música e artes plásticas produzidas pelos pracinhas da FEB”.

WILLIAM WANG

Linguista, professor do Departamento de Linguística e Línguas Modernas da Universidade Chinesa de Hong Kong, China. Tema da Grande Conferência: “Linguagem: do nascimento à senescência”.

YVES SCHWARTZ

Filósofo, professor emérito do Departamento de Filosofia da Aix-Marseille Université, França e membro da Académie des Sciences Morales et Politiques, França. Tema da Grande Conferência: “O conceito de atividade no princípio da cooperação transdisciplinar II”.

Anexo 4

GRUPOS DE PESQUISA IEAT

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE REPUBLICANISMO

Coordenadora: Heloisa Maria Murgel Starling
(Departamento de História, FAFICH-UFMG)

Pesquisadores envolvidos: Olgária Chaim Féres Matos (USP), Renato Janine Ribeiro (USP), Luiz Werneck Vianna (IUPERJ), Newton Bignotto (Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), Sérgio Cardoso (USP), Maria Alice Rezende de Carvalho (IUPERJ), Marcelo Gantus Jasmin (IUPERJ/PUC Rio), Wander Melo Miranda (FALE-UFMG).

Objetivo: “Estudar a questão dos valores e das virtudes associadas à vida pública, à luz do referencial fornecido pela tradição republicana, tendo como objeto principal o Brasil contemporâneo”.

LITERATURA, REDE E SABER CONTEMPORÂNEO

Coordenadora: Maria Antonieta Pereira (Semiótica e Teoria da Literatura, FALE-UFMG)

Pesquisadores envolvidos: Antônio Zumpano Pereira Santos (Departamento de Matemática, ICEx-UFMG), José Carlos Cavalheiro da Silveira (Departamento de

Psiquiatria e Neurologia, Faculdade de Medicina-UFMG), Marco Antônio de Oliveira (Departamento de Linguística, FALE-UFMG), Virgílio Augusto Fernandes Almeida (Departamento de Ciência da Computação, ICEx-UFMG).

Objetivo: “A partir da ideia de hipertexto, pesquisar a incidência e a produtividade do conceito de rede, também presente em outros operadores reticulares – redes neurais, microsemântica, fractais, acaso e gênese das regras – como modelo capaz de operacionalizar uma leitura crítica e contemporânea de textos literários”.

CENTRO DE ESTUDOS DO MOVIMENTO, EXPRESSÃO E COMPORTAMENTO HUMANOS (CEMECH)

Coordenador: Maurício Alves Loureiro (Departamento de Instrumentos e Canto, Escola de Música-UFMG)

Pesquisadores envolvidos: Arnaldo de Albuquerque Araújo (Departamento de Ciência da Computação, ICEx-UFMG), Eduardo Fleury Mortimer (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, FaE-UFMG), Fausto Borém de Oliveira (Departamento de Instrumentos e Canto, Escola de Música-UFMG), Eduardo Mazoni Andrade Marçal Mendes (Departamento de Engenharia Eletrônica, Escola de Engenharia-UFMG), Hani Camille Yehia (Departamento de Engenharia Eletrônica, Escola de Engenharia-UFMG), Hans-Joachim Karl Menzel (Departamento de Esportes, EEFFTO-UFMG), Herbert Ugrinowitsch (Departamento de Esportes, EEFFTO-UFMG), Juliana de Melo Ocarino (Departamento de Fisioterapia, EEFFTO-UFMG), Luís Antônio Aguirre (Departamento de Engenharia Eletrônica, Escola de

Engenharia-UFMG), Luiz Chaimowicz (Departamento de Ciência da Computação, ICEx-UFMG), Mario Fernando Montenegro Campos (Departamento de Ciência da Computação, ICEx-UFMG), Marisa Cotta Mancini (Departamento de Terapia Ocupacional, EEEFTO-UFMG), Paula Lanna Pereira da Silva (Departamento de Fisioterapia, EEEFTO-UFMG), Rodolfo Novelino Benda (Departamento de Educação Física, EEEFTO-UFMG), Sérgio Teixeira da Fonseca (Departamento de Fisioterapia, EEEFTO-UFMG), Sérgio Freire Garcia (Departamento de Teoria Geral da Música, Escola de Música-UFMG), Thaïs Cristófaró Alves da Silva (Departamento de Linguística, FALE-UFMG), Adriano Vilela Barbosa (Departamento de Engenharia Eletrônica, Escola de Engenharia-UFMG), Eric Vatikiotis-Bateson (University of British Columbia), Marcelo Mortesen Wanderley (School of Music, McGill University), Rafael Michelin Laboissière (Centre National de la Recherche Scientifique).

Objetivo: “(...) viabilizar estudos sobre o comportamento motor e comunicativo humano, considerando a codependência entre comportamento físico e função motora e/ou comunicativa. Tais estudos envolvem investigações sobre a produção, percepção e processamento multimodal do movimento humano e noções de concorrência, sincronia, coordenação e organização espacial e temporal de eventos multimodais”.

BIOTECNOLOGIAS E REGULAÇÕES: A FRONTEIRA DO HUMANO

Coordenador: Ivan Domingues (Departamento de Filosofia, FAFICH--UFMG)

Pesquisadores envolvidos: Alcino Eduardo Bonella (UFU), Brunello Souza Stancioli (Departamento de Direito e Processo Civil e Comercial, UFMG), Bruno Vasconcelos de Almeida (PUC Minas), Eduardo Soares Neves Silva (Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), Eduardo Viana Vargas (Departamento de Antropologia e Arqueologia, FAFICH-UFMG), Jairo Dias de Carvalho (UFU), Leonardo de Mello Ribeiro (Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), LÍlian Simone Godoy Fonseca (Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), Marco Aurélio Martins Rodrigues (UFU), Maya Mitre (bolsista de pós-doutorado em Ciência Política), Raoni Guerra Lucas Rajão (Departamento de Engenharia de Produção, Escola de Engenharia-UFMG), Sandro Canavezzi de Abreu (UFU), Sertório de Amorim e Silva Neto (UFU), Simeão Donizeti Sass Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), Telma de Souza Birchall (Departamento de Filosofia, FAFICH-UFMG), Yuri Castelfranchi (Departamento de Sociologia, FAFICH-UFMG).

Objetivo: “A pesquisa em curso abrange os aspectos descritivos dos processos naturais e das aplicações biotecnológicas (tarefa das ciências e das bioengenharias), além dos aspectos normativos ou regulativos (tarefa do direito e da ética)”.

GALERIA DE FOTOS



Antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional da UFRJ), na UFMG.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Vibeke Sorensen (Arizona State University, Estados Unidos), convidada do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, março de 2007.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Ronaldo Tadêu Pena (Reitor UFMG 2006-2010) e Carlos Antônio Leite Brandão, no II Seminário Professores Residentes do IEAT, outubro de 2008.

Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Roberto Luís de Melo Monte-Mór, Regina Horta Duarte e Sérgio Danilo Junho Pena, no II Seminário Professores Residentes do IEAT, outubro de 2008.

Foto: Foca Lisboa/UFMG.



António Coutinho (Instituto Gulbenkian de Ciência, Portugal), convidado do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, setembro de 2011.

Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Maurício Alves Loureiro, Ivan Domingues, Alfredo Gontijo de Oliveira, Carlos Antônio Leite Brandão e Francisco César de Sá Barreto (Reitor UFMG 1998-2002), no Seminário Anual do IEAT, dezembro de 2011.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Sérgio Danilo Junho Pena, Francisco César de Sá Barreto (Reitor UFMG 1998-2002), Alfredo Gontijo de Oliveira, Clélio Campolina (Reitor UFMG 2010-2014), Maurício Alves Loureiro, Carlos Antônio Leite Brandão, Ivan Domingues e Francisco Antônio Rodrigues Barbosa, no Seminário Anual do IEAT, dezembro de 2011.
Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Cliff Korman (Escola de Música da UFMG) e George Lewis (Universidade de Columbia, Estados Unidos) durante o seminário “A Universidade do Futuro: Imitar, Engenhar e Criar”, março de 2012.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Ana Maria Rabelo Gomes (FaE/UFGM), Davi Kopenawa (Hutukara Associação Yanomami), convidado do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, e Maurício Alves Loureiro (IEAT/UFGM), novembro de 2013.

Foto: Acervo IEAT/UFGM.



Tukufu Zuberi (Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos), convidado do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, setembro de 2014.

Foto: Foca Lisboa/UFGM.



Alfredo González-Ruibal
(Instituto de Ciências do
Patrimônio da Espanha –
INCIPIT), convidado do
Programa Cátedras Santander
de Estudos Ibero-Latino-
Americanos, setembro de 2015.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Joachim Michael (Universidade
de Bielefeld, Alemanha),
convidado do Programa
Cátedras Santander de Estudos
Ibero-Latino-Americanos,
outubro de 2015.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Pedro Geraldo Pascutti,
Estevam Barbosa de Las Casas,
Carlos Antônio Leite Brandão,
Márcio Flávio Dutra Moraes,
Virgílio Augusto Fernandes de
Almeida, Marisa Cotta
Mancini, Rivane
Neuenschwander, Daisy
Moreira Cunha e Leonor
Guerra, na Reunião do Comitê
Científico do IEAT, agosto de
2015.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Júlio César Hadler Neto - PENSES/UNICAMP, José Sérgio Leite Lopes - CBAE/UFRJ, Daisy Moreira Cunha - IEAT, Francisco César de Sá Barreto (Reitor UFMG 1998-2002), Márcio Flávio Dutra Moraes - IEAT, José Vicente Tavares dos Santos - ILEA/UFRGS, Jaime Arturo Ramírez (Reitor UFMG 2014-2018), Estevam Barbosa de Las Casas - IEAT, César Barreira - CEA/UFC, Paulo Henrique Martins - Instituto de Estudos da América Latina/UFPE, Martin Grossmann - IEA/USP, Alexandre Camera Varella - IMEA/UNILA, Fabiana Dultra Britto - UFBA, no III Fórum de Institutos de Estudos Avançados Brasileiros, agosto de 2015.
Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Renan Springer de Freitas,
Cláudia Cardoso Martins,
Maria do Carmo de Freitas
Veneroso, Estevam Barbosa de
Las Casas, Patrícia Kauark
Leite, Raoni Guerra Lucas
Rajão, Stéphane Denis Albert
René Philippe Huchet, em
reunião dos Professores
Residentes do IEAT, maio de
2015.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Márcio Flávio Dutra Moraes,
Thiago Coacci Rangel Pereira,
Marisa Cotta Mancini, Sandra
Regina Goulart Almeida,
Maurício Alves Loureiro,
Estevam Barbosa de Las Casas
e Daisy Moreira Cunha, no
Seminário Anual do IEAT,
março de 2015.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Vasco Ariston de Carvalho, Grace Schenatto Moraes, John van Breda (Universidade de Stellenbosch, África do Sul) e Daisy Moreira Cunha, em mesa-redonda do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, junho de 2016.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Vinícius Mariano de Carvalho (King's College London, Reino Unido), convidado do Programa Cátedras FUNDEP/IEAT, agosto de 2016.

Foto: Acervo IEAT/UFMG.



Norberto Garcia Cairasco
(FMRP/USP e membro do
Comitê Científico do IEAT), no
Seminário Anual do IEAT,
outubro de 2016.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Fábio Oliveira, Daisy Cunha,
Estevam Barbosa de Las Casas,
Rosiléa Simões Figueiredo,
Aretusa Duarte, Luiza Bongir,
Pedro Henrique Alves da Cruz
e Jordana Santos.
Foto: Foca Lisboa/UFMG.

DIRETORES DO IEAT (1999-2014)



Paulo Sérgio Lacerda Beirão
(gestão 1999-2000).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Ivan Domingues (gestão 2000-
2003).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Alfredo Gontijo de Oliveira
(gestão 2003-2005).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Carlos Antônio Leite Brandão
(gestão 2005-2009).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Maurício Alves Loureiro
(gestão 2009-2014).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.



Estevam Barbosa de Las Casas
(gestão 2014-2018).
Foto: Foca Lisboa/UFMG.

SOBRE OS AUTORES

ESTEVAM BARBOSA DE LAS CASAS (Org.) – Professor titular do Departamento de Engenharia de Estruturas da Faculdade de Engenharia da UFMG. Diretor do IEAT (2014-2018).

DAISY MOREIRA CUNHA (Org.) – Professora associada da FaE-UFMG. Doutora em Filosofia pela Aix-Marseille Université. Membro do Comitê Diretor do IEAT (2014-2018).

ARETUSA DUARTE – Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo. Assessora acadêmica do IEAT desde 2008.

CARLOS ANTÔNIO LEITE BRANDÃO – Professor titular do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFMG. Diretor do IEAT (2005-2009) e membro do Comitê Diretor (2002-2003; 2005-2007) e do Comitê Científico (2000-2002; 2015-2018) do Instituto.

IVAN DOMINGUES – Professor titular do Departamento de Filosofia da FAFICH-UFMG. Diretor do IEAT (2000-2003) e membro do Comitê Diretor (1999-2003) e do Comitê Científico (2006-2009) do Instituto.

PAULO SÉRGIO LACERDA BEIRÃO – Professor titular do

Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB-UFMG. Diretor do IEAT (1999-2000) e membro do Comitê Diretor (1999-2003) e do Comitê Científico (2009-2012) do Instituto.

THIAGO COACCI RANGEL PEREIRA – Doutorando e mestre em Ciência Política pela UFMG. Advogado e bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Índice

Prefácio Francisco César de Sá Barreto	9
Apresentação Os organizadores	15
IEAT: passado, presente e futuro Paulo Sérgio Lacerda Beirão	18
O IEAT e nós: passado e futuro Ivan Domingues	28
A cidade, a Universidade e o IEAT entre, antes e depois de 2005 a 2009 Carlos Antônio Leite Brandão	37
O IEAT: uma trajetória em constante transformação Estevam Barbosa de Las Casas	52
Avaliação e perspectivas da transdisciplinaridade na UFMG através do olhar discente Thiago Coacci Rangel Pereira	67
O IEAT: um instrumento de difusão do conhecimento na UFMG Aretusa Duarte	81
ANEXO 1	105
ANEXO 2	114
ANEXO 3	121
ANEXO 4	133
Sobre os autores	152
Galeria de fotos	137
Galeria dos diretores do IEAT (1999-2014)	149